

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JÉSSICA SANDRA DA SILVEIRA

**O DESAFIO DA IMAGINAÇÃO: CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE
FLORIANÓPOLIS/SC.**

**FLORIANÓPOLIS
2017**

JÉSSICA SANDRA DA SILVEIRA

**O DESAFIO DA IMAGINAÇÃO: CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE
FLORIANÓPOLIS/SC.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5874 - Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani.

Co-orientadora: Prof. Bruna Bellinaso

FLORIANÓPOLIS
2017

JÉSSICA DA SILVEIRA

**O DESAFIO DA IMAGINAÇÃO: CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE
FLORIANÓPOLIS/SC.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de junho de 2017



Prof. Dr. Jaison José Bassani - Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof^ª. Esp. Bruna Bellinaso - Co-orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof^ª. Anna Paula Ribeiro Alves - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Francisco Emílio de Medeiros - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof^ª. Giovana Rastelli - Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, sem ele nada disso estaria concretizando-se.

Agradeço a minha família. Aos meus pais meu porto seguro, que sempre me incentivaram na escolha por esse curso. Sempre batalharam para que nunca me faltasse nada, facilitando assim que uma boa faculdade fosse realizada. Aos meus irmãos Arthur e Júlia que sempre estiveram do meu lado. A eles que tiveram a mesma escolha de profissão que eu desejo muito sucesso a todos nós. Aos meus avós que querem sempre o meu bem.

A CAPES, pela concessão da bolsa do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

Ao professor Jaison, que desde minha entrada no PIBID, confiou em meu trabalho, aceitando assim o convite para orientação desta pesquisa.

A minha co-orientadora, Bruna que aceitou o desafio de ajudar-me com este trabalho. Meu muito obrigado, desejo muito sucesso a você.

Aos meus professores que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica. Aos professores da creche Zilda Arns que tanto me ajudaram no decorrer da minha atuação na instituição.

Aos meus colegas de faculdade, Camilla, Claudio, Felipe, Jéssica, Vinicius e Vivian que estiveram ao meu lado durante todo esse período. Em especial a Camilla que durante esses anos foi minha parceira de trabalhos, PIBID, e estágios. Agradeço-a por todas as trocas de experiência, por todas as parcerias que realizamos durante esse período. A vocês meu muito obrigado, desejo sucesso na carreira de cada um.

As minhas amigas de infância em especial, Ana Paula, Janaina, Natália, Natana, Nayara, e Thayse. Agradeço pela amizade e companheirismo de vocês.

Ao meu namorado que teve muita paciência neste momento de conclusão de curso, me aturando por todos os momentos de stress. A ele, muito obrigado por tudo.

Ao meu afilhado, pelo seu amor, carinho, faz meus dias de tensão, tornarem muito mais fáceis de ser encarados com seus simples sorriso.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças que fizeram parte da minha trajetória como professora-bolsista do PIBID, as quais fizeram eu crescer pessoal e profissionalmente.

RESUMO

O presente estudo ocorreu a partir de um relato de experiência realizado no primeiro semestre de 2017 na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC, tendo como temática a imaginação. Através deste relato e de meu anseio por trabalhar com o tema, traçou-se como objetivo geral: compreender e analisar a representação sobre o Ensino Fundamental e a Educação Física por parte de crianças que frequentam o último ano da Educação Infantil de uma instituição da RMF. Durante as intervenções as crianças foram ouvidas: nas visitas, durante os desenhos e nas entrevistas. Quanto aos objetivos específicos foi possível identificar a compreensão das crianças quanto a Educação Infantil, sobre Ensino Fundamental, e a Educação Física no Ensino Fundamental. Metodologicamente foram aplicados, desenvolvidos e analisados: desenhos, visitas de campo, entrevista semi-estruturada e observações de intervenções, a fim de responder a questão norteadora da pesquisa: Como as crianças imaginam que sejam as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental? De modo geral as crianças acreditam que na disciplina de Educação Física ocorrem somente aulas práticas e com conteúdos esportivizados?

Palavras chaves: Educação Infantil; Ensino Fundamental; Imaginação; Educação Física.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	01
1.2 HIPÓTESES	03
1.3 OBJETIVOS	04
1.3.1 OBJETIVO GERAL	04
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	04
1.4 JUSTIFICATIVA	05
2. REVISÃO DE LITERATURA	08
2.1 EDUCAÇÃO ESCOLAR: INFANTIL E FUNDAMENTAL	08
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ENSINO FUNDAMENTAL	12
2.2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS/SC	15
2.3 TRANSIÇÃO ESCOLAR	18
2.4 IMAGINAÇÃO	20
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	21
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA CRECHE	21
3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO	23
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	23
3.4.1 ENTREVISTAS	23
3.4.2 DESENHOS	24
3.4.3 VISITA/SAIDA DE CAMPO	25
3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	26
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	27
4. DISCUSSÃO	28
4.1 EDUCAÇÃO INFANTIL	28
4.2 EDUCAÇÃO FÍSICA	37
4.3 ENSINO FUNDAMENTAL	42
4.4 IMAGINAÇÃO	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1. INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

As creches e pré-escolas no Brasil surgem no século XIX, estas eram marcadas por diferenciações entre as classes sociais das crianças, onde as mais pobres eram cuidadas compreendendo o cuidar como atividade meramente ligada ao corpo, e o educar como experiência de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados. (BRASIL, 2013).

Somente quando segmentos da classe média foram procurar atendimento em creche para seus filhos é que esta instituição recebeu força para aprofundar a discussão de uma proposta pedagógica superadora da dicotomia entre o cuidar e o educar (OLIVEIRA, 1994 apud METZNER, 2006). Apenas a partir de 1988 o estado tem o dever de oferecer creches e pré-escolas para as crianças, com um fim educacional, objetivando o desenvolvimento integral de crianças de zero a seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O Ministério da Educação evidencia que a Educação Infantil não tem como propósito preparar as crianças para o Ensino Fundamental, essa etapa da educação básica possui objetivos próprios, os quais devem ser alcançados a partir do respeito, do cuidado e da educação de crianças que se encontram em um tempo singular denominado de primeira infância (BRASIL, 2007).

Na segunda etapa educacional, o Ensino Fundamental tem-se estabelecido como principal objetivo o direito pela educação. Sua organização no Brasil nos últimos anos vem sofrendo algumas mudanças, sendo a principal delas a mudança do Ensino Fundamental, lei LEI Nº 11.274 aprovada em 2005, que entrou em vigor no ano 2006, nesta lei onde as crianças com 6 anos de idade devem ser matriculadas no Ensino Fundamental. Tornando o último ano da Educação Infantil, o primeiro do Ensino Fundamental.

A educação infantil favorece interações mais plurais, com maior espaço tanto para a questão lúdica quanto para o diálogo. Já no ensino fundamental, a estrutura organizacional privilegia práticas individualizadoras, ou seja, as crianças têm que cumprir as

atividades muitas vezes individualmente; é o seu desenho, é o seu caderno, enfim, com pouca ênfase nas interações das crianças entre si. (GOES, 2012).

Quanto à transição educacional o Ministério da Educação escreve que: “Os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas”. (Ministério da Educação [MEC], 2004a, p. 2).

O RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) ainda trás que tal processo deve acontecer da forma mais natural possível, para que não tenham impactos negativos no seu processo de escolarização.

No contexto da transição escolar Peter Moss (2008) em seu estudo traz quatro possibilidades de passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. A primeira caracteriza-se por uma subordinação da segunda. A Educação Infantil teria, então, como função preparar as crianças para um melhor desempenho no Ensino Fundamental. A segunda caracteriza-se por um impasse, em que ambos os níveis de ensino recusam-se, definindo-se a partir de uma negação recíproca. A terceira possibilidade, deve preparar a escola para as crianças, inverte o modelo preparatório no sentido de adotar práticas da Educação Infantil no Ensino Fundamental, adaptando a escola desse nível de ensino às crianças. A visão de um lugar de encontro pedagógico é a quarta possibilidade apontada e defendida por Moss. Nessa, as práticas e concepções de ambos os níveis de ensino são integradas a partir do reconhecimento de suas diferentes histórias e concepções. (MOSS, 2008 apud NEVES; GOUVÊA; CASTANHEIRA, 2011).

Rosemberg e Borzone (2004), também analisaram a transição dos ensinos desenvolvendo uma pesquisa que visou analisar as semelhanças e diferenças nas interações entre professoras e alunos nos dois níveis de ensino, avaliando que as interações discursivas na escola de educação infantil correspondem em maior medida a um processo de colaboração, enquanto no ensino fundamental

relacionam-se mais a um processo de transmissão do conhecimento guiado pela sequência iniciação-resposta-avaliação (MEHAN, 1979 apud GOES, 2012).

As experiências vivenciadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) em Educação Física, levaram-me a questionar: como as crianças imaginam as aulas de Educação Física ao passar para o Ensino Fundamental?

Quanto à imaginação Balmant, afirma que nosso cérebro é dotado de duas atividades: uma atividade conservadora – a memória; e uma atividade combinatória, criativa, construtiva – a imaginação. Essa última, a imaginação utiliza-se da primeira, a memória para suas construções, e “toda atividade humana que não se limita a reproduzir acontecimentos e impressões vividas, pertence a essa segunda função criadora ou combinatória” (BALMANT, 2004).

Vygotsky caracteriza a imaginação como uma função superior que depende da experiência que a criança vai acumulando e aumentando, com características que a diferenciam da experiência dos adultos. (VYGOTSKY, 1998 apud SANTOS, 2008).

A temática possui extrema importância e mesmo assim não encontramos um número significativo de pesquisas que abordam o assunto, o que me instigou ainda mais a questionar e problematizar a relação que as crianças pequenas possuem com a Educação Física do Ensino Fundamental. A partir disso surgiu a seguinte questão: Como as crianças imaginam que sejam as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental?

1.2 HIPÓTESE

Segundo Sayão (1997), o modelo de aulas de Educação Física na Educação Infantil precisa mudar: “É preciso que a Educação Física deixe de ser um veículo de reprodução do modelo “esportivizante” baseado no Decreto 69.450/71 intervindo três vezes por semana, em horários determinados, como a “hora de...” do corpo, do pátio, da prática.” Contudo as intervenções na Educação Infantil no qual essas crianças da presente pesquisa estão inseridas trazem uma Educação Física modelo

para muitas creches/colégios, não reproduzindo o esporte na escola, mas sim amplificando os diversos conteúdos a serem explorados.

Diferente da Educação Infantil, nos primeiros anos do Ensino Fundamental a maior parte das aulas passam a ser realizadas muitas vezes na quadra, e em sua maioria trabalhando com conteúdos “esportivizantes”, mais especificamente o quarteto fantástico (futebol, handebol, vôlei e basquetebol).

Imagino, assim, que a expectativa que as crianças têm sobre a Educação Física no Ensino Fundamental tem a ver com as referências que elas absorvem de outros tempos e espaços sociais. A partir de conversas com irmãos, colegas, familiares, acredito que estas irão relacionar a disciplina sendo voltadas para o ensino do esporte.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender e analisar a representação sobre o Ensino Fundamental e a Educação Física por parte de crianças que frequentam o último ano da Educação Infantil de uma instituição da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar e analisar a compreensão sobre a Educação Infantil de crianças que frequentam o G6 de uma instituição da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.
- Identificar e analisar a compreensão sobre a Educação Física de crianças que frequentam o G6 de uma instituição da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.
- Identificar e analisar a representação e a expectativa sobre a transição para o Ensino Fundamental por parte de crianças que frequentam o G6 de uma instituição da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

1.4 JUSTIFICATIVA

Durante minha graduação estive inserida a maior parte do tempo no PIBID - Programa Instituição de Bolsas de Iniciação a Docência – UFSC mais especificamente intervindo com o G6, último grupo da Educação Infantil. O que me proporcionou possibilidades concretas de atuação como professora-auxiliar na condição de bolsistas do PIBID Educação Física da UFSC, justificando minha vontade em desenvolver tal trabalho.

Tudo iniciou na terceira fase do curso de licenciatura de Educação Física, quando foram disponibilizadas vagas para o PIBID, o qual tem como alguns dos objetivos: Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como formadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. Inscrevi-me com o intuito de inserir em sala de aula procurando ter cada vez mais experiência de como ministrar aulas e ser professora, relacionando a teoria com o que via na faculdade com a prática ministrando aulas na Educação Infantil.

Cada semestre realizei uma atividade diferente na instituição. Dentre alguns dos projetos foram efetuadas aulas como: esportes de rebatidas (taco, peteca, tênis, punhobol e frescobol), no ano de 2014 com o grupo G6A de um NEI (Núcleo de Educação Infantil) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, de modo que as crianças pudessem compreender, experimentar e recriar modalidades esportivas. No ano de 2015 abordei o tema de brincadeiras populares da Ilha de Santa Catarina. Compreendendo e experimentando as cantigas e brincadeiras, reconhecendo a importância do patrimônio lúdico.

No semestre seguinte, vinculado ao PIBID o primeiro estágio supervisionado, teve como temática “Manifestações culturais e de movimento da cultura grega”. Juntamente com minha dupla, buscamos apresentar uma cultura diferente da que elas conhecem. Priorizamos através desta abordagem trabalhar com as olimpíadas da Grécia antiga. Já no estágio II, tivemos como proposta trabalhar com as paralimpíadas, abordando os jogos adaptados, e esportes paralímpicos através do

tema: Jogos e esportes adaptados e sentidos corporais: (des)construindo padrões de eficiência e deficiência na Educação Física da Educação Infantil.

Seguindo com o PIBID, trabalhamos com jogos, brinquedos, e brincadeiras de diversas nacionalidades, e como objetivos traçamos: compreender, experimentar e recriar jogos, brinquedos, e brincadeiras de diversas nacionalidades.

Através dessas aulas-modelo, perguntei-me: será que as crianças imaginam como irão acontecer as aulas no Ensino Fundamental? Será que elas têm algum conhecimento sobre a diferença entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental? Essa perspectiva instigou-me a saber através das crianças do G6 tais perguntas, citadas acima. Assim cheguei ao tema a ser pesquisado: a imaginação ou representação de crianças da Educação Infantil sobre as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental.

Conforme afirmam Sarmiento e Gouvêa (2008, p. 11), “considerar a criança como sujeito que tem produção simbólica diferenciada produzida na interlocução com a cultura mais ampla, produção que define uma cultura infantil com identidade própria”. Penso ser relevante trazer a criança como foco de pesquisa buscando saber o que elas pensam e imaginam a respeito da nova escola e da Educação Física no Ensino Fundamental, pois são elas que vão chegar ao novo ciclo e ter um impacto com a transição ocorrida. Assim, acredito que são elas devem ser ouvidas para que saibamos como trabalhar melhor o desenvolvimento das crianças nessa troca de ambiente. Desta forma, o trabalho justifica-se socialmente como um relato de experiência ao dar voz às crianças, servindo como base a outros professores que também sintam a necessidade de trabalhar está temática.

É de extrema importância ouvir e dar voz as crianças, tornando-as sujeitos da pesquisa. “A criança não deve ser reconhecida como aquela que não expressa suas opiniões, aquela que tem uma visão adultocentrica. Cada criança tem seu modo de observar e interpretar as coisas”. James e Prout (1997, p. 8) defendem um novo paradigma da infância, em que trazem como uma primeira ideia a de dar voz às crianças, considerando-as como pessoas a serem estudadas em seu próprio direito, negando a visão de que elas são depósitos dos ensinamentos dos adultos.

Percebo assim a relevância acadêmica desta pesquisa por trazer por trazer discussões sobre a temática da imaginação das crianças quanto a Educação Física no Ensino Fundamental, da transição entre os ciclos de ensino, visto que encontra-se poucos estudos nesta área. Contemplando que as crianças tem uma necessidade

de compreender o novo ciclo de ensino, este trabalho pode auxiliar professores a organizar seus planejamentos para que haja uma melhor inserção das crianças no Ensino Fundamental.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO ESCOLAR: INFANTIL E FUNDAMENTAL

As creches e pré-escolas no Brasil surgiram no século XIX. Estas eram marcadas por diferenciações entre as classes sociais das crianças. As crianças de famílias menos favorecidas, foram caracterizadas pela vinculação aos órgãos de assistência social, para as crianças das classes mais abastadas, outro modelo se desenvolveu no diálogo com práticas escolares. (BRASIL, 2013). Essa divisão entre as crianças refletia em uma fragmentação sobre a educação, onde as mais pobres eram cuidadas compreendendo o cuidar como atividade meramente ligado ao corpo, e o educar como experiência de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados. (BRASIL, 2013). Nessa dicotomização, as atividades ligadas ao corpo, a higiene, ao sono e a alimentação das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, as quais eram mais importantes (CERISARA, 1999).

Do ponto de vista histórico, a educação da criança esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. Na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares. (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Somente quando segmentos da classe média foram procurar atendimento em creche para seus filhos é que esta instituição recebeu força para aprofundar a discussão de uma proposta pedagógica superadora da dicotomia entre o cuidar e o educar (OLIVEIRA, 1994).

Na década de 1980 teve-se um grande avanço na Educação Infantil, onde foram realizados debates com intuito de rever a função e o objetivo da mesma. Conclui-se então que a partir de 1988 a educação das crianças pequenas é de extrema importância, sendo assim o estado deve oferecer creches e pré-escolas para estas, agora com um fim educacional.

A partir da Constituição Federal de 1988 O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.

Essa procura da classe média ocorreu devido ao contexto econômico e político presente nas décadas de 70 e 80 que propiciou um movimento de luta pela democratização da educação pública brasileira, realizado, principalmente, pelos operários e pelas feministas (OLIVEIRA, 1994).

Em 1990 o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), através do artigo 54, define o dever do estado em relação à Educação Infantil. “[...] traz em si uma concepção da criança cidadã, o que significa entender que todas são sujeitos de direitos, merecem proteção integral, porque se encontram em condições especiais de desenvolvimento” (MULLER, 2002, p. 6).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), através do artigo 29 estabelece que a Educação Infantil tem como objetivo o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Esta etapa constitui-se um direito da criança e um dever do estado.

No artigo 30 a LDB implanta a Educação Infantil como sendo primeira etapa da educação básica.

Art.29, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30, a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos, e pré-escolas para crianças de quatro a cinco. (BRASIL, 1996).

O Plano Nacional de Educação (PNE) estabeleceu algumas metas através das creches e pré-escolas a fim de serem cumpridas até o ano de 2011. As metas eram ofertar a Educação Infantil para 50% das crianças de 0 a 3 anos, e para as de 4 e 5 um alcance de 80% delas. Estas ainda são um grande desafio a ser exercido no país.

A Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre a educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento

de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças.

O Ministério da Educação (MEC) publicou em 1998, os documentos: “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil” (BRASIL, 1998b), o qual contribuiu significativamente para a formulação de diretrizes e normas da educação da criança pequena em todo o país, e o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (BRASIL, 1998a), publicado em 1999 serve como guia pedagógico para os profissionais que atuam com crianças de 0 a 5 anos de idade.

Lei 9.131/95. Art. 3º [...] III – As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas propostas pedagógicas práticas de educação e cuidados que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivo cognitivos/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. A Educação Infantil passa a ser vista não como um artigo de luxo, mas um direito a todas as crianças brasileiras.

Quanto sua organização, as Diretrizes Curriculares abordam:

As instituições de Educação Infantil estão submetidas aos mecanismos de credenciamento, reconhecimento e supervisão do sistema de ensino em que se acham integradas (Lei nº 9.394/96, art. 9º, inciso IX, art.10, inciso IV e art.11, inciso IV), assim como o controle social. Sua forma de organização é variada, podendo constituir unidade independente ou integrar instituição que cuida da Educação Básica, atender faixas etárias diversas nos termos da Lei nº 9.394/96, em jornada integral de, no mínimo, 7 horas diárias, ou parcial de, no mínimo, 4 horas, seguindo o proposto na Lei nº 11.494/2007 (FUNDEB), sempre no período diurno, devendo o poder público oferecer vagas próximo à residência das crianças (Lei nº 8.069/90, art. 53). (BRASIL, 1998).

O Ministério da Educação evidencia que a Educação Infantil não tem como propósito preparar as crianças para o Ensino Fundamental, essa etapa da educação básica possui objetivos próprios, os quais devem ser alcançados a partir do respeito, do cuidado e da educação de crianças que se encontram em um tempo singular da primeira infância (BRASIL, 2007). Por não preparar para o próxima etapa que as crianças têm uma grande dificuldade em compreender, e um impacto muito grande

de ensino, conteúdos, espaços entre outros quando encontram-se no Ensino Fundamental, as mesmas irão se deparar com barreiras educacionais.

A segunda etapa educacional, o Ensino Fundamental tem estabelecido como principal objetivo desenvolver a capacidade de aprendizagem. Na constituição de 1934 foi determinada uma obrigatoriedade sobre o Ensino Fundamental, tendo este 4 anos de duração. Em 1967 o mesmo foi ampliado para 8 anos, unificando o curso primário e o ginásio, chamando de 1º grau. O Plano Nacional de Educação estabelece algumas metas sobre o ensino fundamental, sendo elas:

Meta 1 a universalização do Ensino Fundamental no prazo de 5 anos, garantindo o acesso e a permanência de todas as crianças na escola, e a sua ampliação para 9 anos, com início aos 6 anos de idade, à medida que for sendo universalizado o atendimento de 7 a 14 anos. A Meta 2, definida com base no diagnóstico de que 87% das crianças de 6 anos já estavam matriculadas em Pré-Escolas, classes de alfabetização ou mesmo no Ensino Fundamental, determina a sua ampliação para 9 anos, com início aos 6 anos de idade, à medida que for sendo universalizado o atendimento de 7 a 14 anos. A ideia central das propostas contidas no Plano é que a inclusão definitiva das crianças nessa etapa educacional pode oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, elas prossigam nos estudos alcançando maior nível de escolaridade. (BRASIL, 2013).

Quanto à organização desta etapa no Brasil nos últimos anos vem sofrendo algumas mudanças com o intuito de melhorar sua qualidade e ampliação de sua abrangência, consubstanciadas em novas leis, normas, sistemas de financiamento, sistemas de avaliação e monitoramento, programas de formação e aperfeiçoamento de professores e, o mais importante, em preocupações cada vez mais acentuadas quanto à necessidade de um currículo e de novos projetos político-pedagógicos que sejam capazes de dar conta dos grandes desafios educacionais da contemporaneidade. (BRASIL, 2013).

A mudança mais significativa aconteceu no ano de 2005, efetivada no ano de 2006, dada pela ampliação do Ensino Fundamental, que passa a durar nove anos, sendo obrigatória a matrícula das crianças com seis anos de idade, dada pela Lei nº 11.274/2006. O Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio desta nova lei vem lançando diversas normas para que as escolas, professores, alunos e suas

famílias sejam orientadas. Dentre as orientações o CNE impõe que esta nova lei requer escrever um novo currículo e um novo Projeto Político Pedagógico. Os documentos oficiais do Ministério da Educação justificam que a ampliação do Ensino Fundamental, assegurando a entrada da criança de seis anos, consiste em uma estratégia para possibilitar um maior tempo de convívio no contexto escolar, permitindo que melhorem a qualidade e a oportunidade de aprendizagem do aluno, garantindo-lhe um processo de alfabetização adequado. (FERNANDES, 2006 apud Marcondes 2012).

Fernando Haddad, Ministro da Educação no ano de 2009, solicitou ao CNE, uma revisão e atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, com o intuito de auxiliar os estudos e debates que se seguiram. Desde então, uma intensa jornada de trabalho foi organizada e implementada. Propostas foram intensamente debatidas, críticas foram acolhidas e ideias incorporadas. (BRASIL, 2013). As Diretrizes Curriculares tem função de orientar os PPPs (Projeto Político Pedagógico) de cada unidade escolar.

O novo Ensino Fundamental permite as crianças usufruírem o direito da educação, beneficiando-se de um ambiente educativo mais voltado à alfabetização e ao letramento. (BRASIL, 2013). Os conteúdos presentes no currículo são: Linguagens, (onde se insere a Educação Física) Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Essas áreas são distribuídas de maneira que dentro das linguagens estão contempladas: Língua Portuguesa, Língua materna, para populações indígenas, Língua Estrangeira moderna, Arte e Educação Física. Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, os quais correspondem às disciplinas de História e Geografia. E por último o conteúdo do ensino Religioso.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL

A Educação Física chega ao Brasil No século XIX, por meio da medicina e do militarismo. Os médicos e militares almejavam promover a saúde, higiene e moral dos corpos. Higienistas e militares, em conformidade com o estado, uniram-se na

implementação de um projeto para a Educação Física: eugeniação e higienização foram suas premissas (SOARES, 1994 apud METZNER, 2006). Dessa forma, a Educação Física passou a ser compreendida como sinônimo de saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral (SOARES, 1994 apud METZNER, 2006).

Nas décadas de 30 e 40, a concepção de educação sofre uma mudança. A educação começa a preparar a juventude para que cumpra seus deveres com a nação. A Educação Física foi destacada como formadora da consciência patriótica por meio do aperfeiçoamento e adestramento físico, da disciplina, da moral, etc (MELLO, 2001).

Na década de 70 a Educação Física passa a ser vista como uma disciplina a qual realizava esporte de alto rendimento, contudo na década de 80 esta passa a ser analisada criticamente, com o surgimento do movimento renovador na Educação Física Brasileira.

A ausência, até poucos anos atrás, de reflexão teórica e de produção de conhecimento científico na área retardou a caracterização da Educação Física como área do conhecimento. Além disso, colaborou com a formação de profissionais acríticos que, ainda hoje, compartilham de procedimentos didáticos autoritários, irrefletidos, os quais incluem práticas de marchas, filas, de ordem unida, de uso de uniforme e de vozes de comando, além da vinculação com manifestações cívicas. (BETTI, 1991).

A LDB, estabelece em 1996 uma obrigatoriedade ao ensino básico. Os estudos de Sayão (2002, p. 59) esclarecem que:

Numa perspectiva de Educação Infantil que considera a criança como sujeito social que possui múltiplas dimensões, as quais precisam ser evidenciadas nos espaços educativos voltados para a infância, as atividades ou os objetos de trabalho não deveriam ser compartimentados em funções e/ou especializações profissionais. Entretanto, a questão não está no fato de vários profissionais atuarem no currículo da Educação Infantil. O problema está nas concepções de trabalho pedagógico desses profissionais que, geralmente fragmentam as funções de uns e de outros se isolando em seus próprios campos. “[...] Portanto, não se trata de atribuir ‘funções específicas’ para um ou outro profissional e designar ‘hora para a brincadeira’, ‘hora para a interação’ e ‘hora para linguagens’”. O professor de Educação Física deve ser mais um adulto com quem as crianças estabelecem interações na escola. No entanto, só se justifica a necessidade de um profissional dessa área na Educação

Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da instituição, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se complete e se amplie visando possibilitar cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças. (SAYÃO, 2002, p. 60).

Refletir sobre Educação Física na Educação Infantil é desafiador, sobretudo quando pensamos em possíveis tensões existentes na presença do profissional de Educação Física inserido no ensino de zero a seis anos. Estamos falando da relação entre professor especialista atuando junto com o unidocente (pedagogo). A grande preocupação em torno desse assunto é de assumirmos já na Educação Infantil um modelo “escolarizante”, organizado em disciplinas e com uma abordagem fragmentária de conhecimento (AYOUB, 2005 apud CAVALARO; MULLER, 2009).

Nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, embora os aspectos corporais sejam mais evidentes, mais facilmente observáveis, e a aprendizagem esteja vinculada à experiência prática, o aluno precisa ser considerado como um todo no qual aspectos cognitivos, afetivos e corporais estão inter-relacionados em todas as situações. (BRASIL, 1997). Não se devem automatizar os gestos técnicos para que os alunos repitam. Esses tem que fazer parte do processo de construção do conhecimento, realizando autonomias sobre o seu corpo.

O processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada. (BRASIL, 1997).

Trata-se de compreender como o indivíduo utiliza suas habilidades e estilos pessoais dentro de linguagens e contextos sociais, pois um mesmo gesto adquire significados diferentes conforme a intenção de quem o realiza e a situação em que isso ocorre [...] É necessário que o indivíduo conheça a natureza e as características de cada situação de ação corporal, como são socialmente construídas e valorizadas, para que possa organizar e utilizar sua motricidade na expressão de sentimentos e emoções de forma adequada e significativa. Dentro de uma mesma linguagem corporal, um jogo desportivo, por exemplo, é necessário saber discernir o caráter mais competitivo ou recreativo de cada situação, conhecer o seu histórico, compreender minimamente regras e estratégias e saber adaptá-las. Por isso, é fundamental a participação em atividades de caráter recreativo,

cooperativo, competitivo, entre outros, para aprender a diferenciá-las. (BRASIL, 1997).

Como formas de organização dos conteúdos, foram definidos três critérios. O primeiro deles sendo a Relevância Social: Foram selecionadas práticas da cultura corporal que têm presença marcante na sociedade brasileira, cuja aprendizagem favorece a ampliação das capacidades de interação sociocultural, o usufruto das possibilidades de lazer, a promoção e a manutenção da saúde pessoal e coletiva. O segundo, a caracterização dos alunos. A definição dos conteúdos buscou guardar uma amplitude que possibilite a consideração das diferenças entre regiões, cidades e localidades Brasileiras e suas respectivas populações. E por último, características da própria área. Os conteúdos são um recorte possível da enorme gama de conhecimentos que vêm sendo produzidos sobre a cultura corporal e estão incorporados pela Educação Física. (BRASIL, 1997).

Dentro de tais critérios são definidos três blocos de conteúdos. Sendo eles: Conhecimento sobre o corpo. Retratando do conhecimento individual, onde o aluno gerencie seu corpo de forma autônoma. O segundo bloco, Esportes, Jogos, Lutas e Ginásticas. Consideram-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo. Equipamentos como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios, etc são condições para o esporte. Quanto aos jogos, podem-se variar por conta dos espaços, materiais, participantes, entre outros. Os jogos podem ser competitivo, cooperativo, recreativo ou apenas como diversão. As lutas são disputas em que oponentes devem ser subjugados mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. As ginásticas são técnicas de trabalho corporal que, de modo geral, assumem um caráter individualizado com finalidades diversas. (BRASIL, 1997). O terceiro bloco: Atividades Rítmicas e Expressivas, Inclui as manifestações da cultura corporal, sendo expressões e comunicação através de gestos e estímulos sonoros como referência para o movimento corporal. (BRASIL, 1997).

2.2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS/SC

No ano de 1976, Florianópolis consolida a primeira creche, com propósito de atender crianças carentes, contudo o professor de Educação Física foi inserido na Educação Infantil em 1982, em que foram contratados bolsistas de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e primeiro concurso público que compõe como quadro de docentes nas creches e NEIs também desta cidade aconteceu em 1987.

Sayão (1996) apresenta três razões pelo qual o professor de Educação Física insere-se na Educação Infantil no município de Florianópolis: O primeiro sendo a contratação de professores do sexo masculino, destinada a suprir carências afetivas que as crianças teriam como resultado da ausência da figura do pai na estrutura familiar; o segundo se dá pela expectativa de que o professor de Educação Física poderia ser o responsável por organizar eventos na instituição; o terceiro remete à contratação de profissionais excedentes no mercado de trabalho, fruto de ação governamental cuja atitude seria caráter clientelista.

As perspectivas teórico-metodológicas que conduziram a Educação Física na Rede Pública Municipal de Ensino de Florianópolis (RME de Florianópolis) entre os anos de 1982 e 1995, poderiam ser reunidas em torno dos interesses da psicomotricidade, da recreação e da aprendizagem motora, oferecendo para as práticas caráter compensatório, preparatório e instrumental (SAYÃO, 1996).

Quanto aos horários das aulas de Educação Física, este pode ter uma flexibilização do tempo, respeitando os momentos da rotina e as horas aulas do profissional, contudo este tem que estar contido no PPP da instituição. O documento da Secretaria Municipal de Educação (SME). (FLORIANÓPOLIS, 2007) prevê no Artigo 2º, parágrafo 1º “a Educação Física na Educação Infantil deverá contemplar 3 (três) aulas semanais de 45 (quarenta e cinco) minutos por turma.” O parágrafo 2º desse mesmo documento prevê a flexibilização nos horários da Educação Física na Educação Infantil, corroboram com a concepção de uma etapa que tem a prática pedagógica centrada na criança, e que enriquece o fato de que a atividade deve determinar o tempo e não o tempo determinar a atividade. (FLORIANÓPOLIS, 2016).

A Educação Física tem que ser vista como sendo uma disciplina relevante no âmbito educacional, para isto faz necessária sua inserção no PPP da instituição. O professor tem que se posicionar, participar das reuniões, debates, estudos, entre outros.

A prática pedagógica da Educação Física tem como centralidade o corpo e o movimento humano, por quem as crianças se expressam e se comunicam. As propostas pedagógicas e os eixos norteadores das Diretrizes Pedagógicas da Educação Infantil articulam-se com a Educação Física por meio de brincadeiras, jogos, danças, lutas, ginásticas, esportes, manifestações da cultura popular. (FLORIANÓPOLIS, 2016). Os profissionais que atuam na Educação Infantil não tem a cultura de dar aula para crianças pequenas, o que gera uma reprodução das aulas do Ensino Fundamental.

Os professores de Educação Física não devem trazer o conteúdo pronto para as crianças. Esses têm que fazer com que os alunos compreendam o que está sendo apresentado, pensem, reflitam, construam uma ideia a respeito do que está sendo discutido, desenvolvendo assim a consciência crítica de cada indivíduo.

As práticas corporais trazem a aprendizagem como foco principal das ações educativas a valorização da cultura local e o direito ao acesso à cultura global. (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Na creche em que tal pesquisa foi realizada, as aulas de Educação Física desde os anos 2000 têm uma organização diferente, onde as intervenções ocorrem durante todo um período, favorecendo tanto as crianças quanto aos professores um melhor aprendizado. Quanto a organização do tempo de trabalho, contempla-se no PPP do NEI, e respeita a lei 036/2007 da SME (FLORIANÓPOLIS, 2007).

A professora de Educação Física coordena as atividades previamente planejadas, o qual compõe todo o período da rotina, desde a recepção das crianças, lanche, higiene, hora do sono. Suas aulas são acompanhadas pela auxiliar de sala e/ou professora regente.

Os objetivos da Educação Física se dão ao proporcionar às crianças experiências e possibilidades de movimento com o corpo, considerando a cultura

corporal de movimento. Suas atividades estão organizadas através dos temas: Dança, Ginástica, Jogos e Brincadeiras.

2.3 TRANSIÇÃO ESCOLAR

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI. (Brasil, 1998) traz sobre a transição escolar:

A passagem da educação infantil para o ensino fundamental representa um marco significativo para a criança podendo criar ansiedades e inseguranças. O professor da educação infantil deve considerar esse fato desde o início do ano, estando disponível e atento para as questões e atitudes que as crianças possam manifestar. Tais preocupações podem ser aproveitadas para a realização de projetos que envolvam visitas a escolas de ensino fundamental; entrevistas com professores e alunos; programar um dia de permanência em uma classe de primeira série. É interessante fazer um ritual de despedida, marcando para as crianças este momento de passagem com um evento significativo. Essas ações ajudam a desenvolver uma disposição positiva frente às futuras mudanças demonstrando que, apesar das perdas, há também crescimento (BRASIL, 1998).

O MEC também enfatiza a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas (Ministério da Educação [MEC], 2004a, p.2). O RCNEI ainda trás que tal processo deve acontecer da forma mais natural possível, para que não tenham impactos negativos no seu processo de escolarização.

Peter Moss (2008) comenta sobre quatro possibilidades de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. A primeira caracteriza-se por uma subordinação da segunda. A Educação Infantil teria, então, como função preparar as crianças para um melhor desempenho no Ensino Fundamental. A segunda caracteriza-se por um impasse, em que ambos os níveis de ensino recusam um, definindo-se a partir de uma negação recíproca. A terceira possibilidade, prepara a escola para as crianças, inverte o modelo preparatório no sentido de adotar práticas da Educação Infantil no Ensino Fundamental, adaptando a escola desse nível de

ensino às crianças. A visão de um lugar de encontro pedagógico é a quarta possibilidade apontada e defendida por Moss. Nessa, as práticas e concepções de ambos os níveis de ensino são integradas a partir do reconhecimento de suas diferentes histórias e concepções. (MOSS, 2008 apud NEVES; GOUVÊA; CASTANHEIRA, 2011).

Rosemberg e Borzone (2004), também analisaram a transição dos ensinos desenvolvendo uma pesquisa a qual visava analisar as semelhanças e diferenças nas interações entre professoras e alunos nos dois níveis de ensino, avaliando que as interações discursivas na escola de Educação Infantil correspondem em maior medida a um processo de colaboração, enquanto no Ensino Fundamental relacionam-se mais a um processo de transmissão do conhecimento guiado pela sequência iniciação-resposta-avaliação (MEHAN, 1979 apud GOES, 2012).

Castanheira (1991); Machado (2007); Motta (2010); Sant'Ana, Assis (2003); Wild (2009), revelam um impasse sobre a transição, principalmente, na entrada das crianças no Ensino Fundamental, caracterizado por um maior controle corporal e desenvolvimento de atividades de caráter repetitivo. Uma das tensões identificadas ao se fazer o levantamento e análise de publicações acerca desse tema é sobre o lugar do letramento e alfabetização nesses dois níveis de ensino. (NEVES; GOUVÊA; CASTANHEIRA, 2011).

As experiências vivenciadas pelas crianças na Educação Infantil são diferentes da realidade do Ensino Fundamental. A Educação Infantil favorece interações mais plurais, com maior espaço tanto para a questão lúdica quanto para a o diálogo. Já no Ensino Fundamental, a estrutura organizacional privilegia práticas individualizadoras, ou seja, as crianças têm que cumprir as atividades muitas vezes individualmente; é o seu desenho, é o seu caderno, com pouca ênfase nas interações das crianças entre si. O que causa, em princípio, certo estranhamento devido ao fato de estarem passando por uma mudança significativa em relação a esse processo de transição entre uma etapa da educação para outra (ANGOTTI, 1994 apud GOES, 2012).

Motta (2011) exemplifica essa ruptura entre as transições.

O primeiro dia de aula marca uma drástica ruptura com o trabalho desenvolvido. As crianças não sabiam o que podiam fazer. As

carteiras arrumadas em fileiras, voltadas para o quadro, a mesa da professora na frente, a presença de crianças reprovadas, a ausência de outras que compunham a turma anterior, o abecedário e os numerais na parede, tudo indicava um ano diferente. Não era permitido correr, ir ao banheiro, brincar de pique, batucar, cantar ou olhar pela janela. Havia um descompasso entre as crianças que vieram da educação infantil e as outras. Abaixar a cabeça e esperar não faziam parte do repertório do ano anterior. (MOTTA, 2011 apud GOES, 2012, p. 166)

A transição entre as etapas educacionais é vista pelas crianças como sendo uma passagem que requer delas menos brincar e mais estudos. Para isto foi apresentado de forma sutil à Educação Infantil, depois o Ensino Fundamental, para uma melhor compreensão de sua transição, para que ambas não se sintam acuadas com sua chegada ao Ensino Fundamental, pensando que no próximo ano farão esta transição. Essa pesquisa evidenciou que as crianças matriculadas no último ano da Educação Infantil têm uma compreensão de que na Educação Infantil possui muitos momentos de brincadeira, hora do parque, hora da Educação Física, já no ensino fundamental este é compreendido por sentar, ler, estudar, e aprender.

2.4 IMAGINAÇÃO

No entender da psicologia histórico-cultural, nosso cérebro é dotado de duas atividades: uma atividade conservadora – a memória; e uma atividade combinatória, criativa, construtiva – a imaginação. Essa última, a imaginação utiliza-se da primeira, a memória para suas construções, e “toda atividade humana que não se limita a reproduzir acontecimentos e impressões vividas, pertence a essa segunda função criadora ou combinatória” (BALMANT, 2004).

Para Vygotsky a imaginação caracteriza uma função superior que depende da experiência que a criança vai acumulando e aumentando, com características que a diferenciam da experiência dos adultos. Ainda para ele, é o meio que influencia no processo de se criar um mundo de fantasias. (VYGOTSKY, 1998 apud SANTOS, 2008).

Segundo Vygotsky (1998) a imaginação devia constituir-se como uma incógnita para a psicologia associacionista, já que tal corrente considerava qualquer

atividade como uma combinação de elementos e imagens que já existiam na consciência. Entretanto, essa vertente teórica procurou evitar esse enigma e estabeleceu uma relação de sinonímia entre a imaginação e as outras funções psíquicas.

Ao tratar da imaginação, os teóricos da velha psicologia a dividiram em duas categorias: a reprodutora e a criadora ou reconstrutiva. A primeira era sinônimo da própria memória, pois, segundo a psicologia comportamental não existe outro caminho para explicar a atividade da imaginação a não ser supor que uma certa existência de imagens provoca outras associadas a ela. Assim, o problema da imaginação fundia-se totalmente com o da memória, sendo, por conta disso, considerado como uma de suas funções, dentre muitas outras. Já na segunda – imaginação criadora ou reconstrutiva – a questão se colocava de forma mais complicada. Isso porque a perspectiva comportamental explicava o surgimento de novas imagens criativas como resultado de combinações singulares e causais de elementos. Na imaginação criativa aparecem novas combinações desses elementos, que não são novos em si. (VIGOTSKY, 1998, p. 108 apud SANTOS, 2009).

Como já citado anteriormente, a imaginação requer da memória para que seja desenvolvida. Para tanto as crianças vinculam o que já ouviram falar, unido com suas experiências das aulas na creche, relatando assim sua imaginação sobre a Educação Física no Ensino Fundamental. Contudo é importante trabalhar, apresentar, e concretizar através de visitas o próximo ciclo educacional, para que elas consigam desenvolver melhor tal imaginação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza aplicada, do tipo qualitativa, a qual considera a existência de uma relação dinâmica entre o indivíduo e o mundo real, com extrapolação de valores numéricos (SILVA et al., 2011). Os recursos utilizados

nessa pesquisa foram observação de campo, intervenções, entrevistas semi-estruturadas e levantamentos de dados. A entrevista tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social: trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre a teoria de dados, entre o contexto e a ação (MEENEN, 1979).

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los (CERVO; BERVIAN, 1989). Assim sendo, será descrita a imaginação das crianças quanto às aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. Este trabalho trata-se de um relato de experiência de um semestre de intervenções como parte das atividades de ensino desenvolvidas no PIBID, o qual aconteceu nos meses de abril e maio de 2017, em sua maioria nas quintas-feiras, no período vespertino.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA CRECHE

Localizada no bairro Carianos, na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, o NEI localiza-se próximo do estádio de futebol do Avaí Futebol Clube, ao lado do campo do Internacional, no mesmo bairro também está localizado o Aeroporto Hercílio Luz. No entorno da instituição há muitas casas, terrenos baldios e alguns minimercados. O NEI faz parte da Rede Municipal de Florianópolis de Florianópolis, é conveniada ao MEC e conta com cerca de 157 crianças, a maior parte delas estão matriculadas em turno integral, das 7h:00min. até as 19h:00min. A maioria das crianças pertence à etnia branca, e reside no próprio bairro em que a instituição se localiza. Segundo o que consta no PPP, a renda familiar média é de pouco mais de um salário mínimo. A composição familiar na sua maioria é composta por pai, mãe e um filho.

O quadro funcional conta com 53 profissionais assim distribuídos: Diretora, Supervisora Escolar, Auxiliares de Ensino, Professoras, Professoras-Auxiliares, Auxiliar de Educação Especial, Professoras Readaptadas, Merendeiras readaptadas, Auxiliar de Sala Readaptada. Merendeiras, serviços gerais e vigias, os quais são terceirizados.

A instituição divide-se em 12 salas de atendimento; biblioteca; sala de informática (hoje utilizada como brinquedoteca); banheiros infantis, para adultos e para deficientes; lactário; cozinha; lavanderia; almoxarifados; secretaria; sala de direção/supervisão; e um refeitório/salão. Já na área externa da creche temos parques, campo de futebol, estacionamento e algumas áreas verdes.

3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A escolha da instituição a qual foi realizado o estudo se deu por minha aproximação com a mesma através do PIBID. Quanto ao grupo, escolhi realizar a pesquisa com o G6, pois é a turma que no próximo ano estará na etapa do Ensino Fundamental, aproximando-se do objetivo da pesquisa.

O grupo G6 tem ao todo 27 crianças. O primeiro contato com o grupo para a pesquisa foi a minha presença na observação da rotina institucional, com o intuito de conhecer melhor o grupo, e assim as crianças se acostumarem com a minha presença.

Nas intervenções concretizadas, todas as crianças do grupo realizaram as propostas objetivadas para cada dia. Contudo, em relação às entrevistas, foram criados critérios de exclusão para melhor atender o propósito da pesquisa, sendo o principal deles o não comparecimento em algumas das intervenções e não ter respondido à última pergunta da entrevista (Como você imagina que vai ser a Educação Física na escola?). Sendo assim, obteve-se um número total de nove crianças, sendo seis meninos e três meninas.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.4.1 Entrevista

Marconi e Lakatos (1999) definem entrevista como sendo “Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”.

Para realização desta pesquisa, foram feitas perguntas previamente elaboradas, obtendo assim uma entrevista semi-estruturada. As entrevistas semi-

estruturadas costumam ser mais utilizadas para a realização de situações reais em situações profissionais, nos escolares e em levantamentos clínicos (NAHOUM, 1961).

Nos dias atuais se vê ainda poucas entrevistas sendo realizadas com crianças, pois requer grandes cuidados, pois muitos veem a criança como sendo incapaz de falar sobre determinado assunto. Carvalho et al. (2004) apud Pereira e Cunha (2007) introduz a entrevistas com criança sendo:

A entrevista com crianças é uma técnica ainda relativamente pouco explorada na literatura, inclusive porque, usualmente, pensa-se a criança como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações. Com um conhecimento sobre a criança cada vez mais acurado, essa suposição tem sido questionada e tem sido explorado, crescentemente, o uso da entrevista com crianças.

Optei por realizar a entrevista em pequenos grupos a fim de enriquecer as respostas sem que ambas fossem influenciadas por outros colegas. O roteiro de perguntas foi composto a partir de quatro eixos principais, sendo eles: Educação Infantil, Educação Física, Ensino Fundamental e a imaginação quanto à Educação Física no Ensino Fundamental. Estas foram registradas através de áudios e vídeos, e por fim transcritas na presente pesquisa. As mesmas foram realizadas em um dia das intervenções e se encontram de forma parcial na discussão deste. Algumas das crianças não responderam algumas das respostas, acredito que um fator que pode ter sido influenciado a não resposta foi por este ter sido realizado em pequenos grupos, contudo enquanto alguns respondiam, outros brincavam no parque, comprometendo respostas mais completas, onde estes queriam responder o mais breve, quando não sabiam algo, não paravam para pensar, pois para a criança o parque é muito mais atrativo do que ficar em sala respondendo algumas perguntas, logo eles queriam terminar o mais breve para irem brincar.

3.4.2 Desenhos

Os desenhos podem ser representados pelas crianças dentre suas idades de diversas formas. Dos 5 aos 6 anos de idade os desenhos sempre se baseiam em roteiros com começo, meio e fim. As figuras humanas aparecem vestidas e a criança dá grande atenção a detalhes como as cores. Os temas variam e o fato de não

terem nada a ver com a vida dela são um indício de desprendimento e capacidade de contar histórias sobre o mundo. (FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL).

Para Vygotsky “desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”. No mundo adulto as pessoas manifestam suas ideias muitas vezes através da escrita. Na Educação Infantil muito se utiliza a linguagem do desenho, uma vez que em sua maioria ainda não desenvolveram a habilidade da escrita. Penso ser de grande relevância as crianças contribuírem através deste, pois o mesmo é também um dos objetos de comunicação dessa fase.

Os desenhos infantis são, portanto palavras, ao desenhar, a criança expressa algo diferente do que sua inteligência ou nível de desenvolvimento mental: uma espécie de projeção da sua própria existência e da dos outros, ou melhor, da maneira pela qual se sente existir, e sente os outros existirem. (PORCHER, 1982, p. 108). O desenho como possibilidade de brincar, de falar, de registrar, marca o desenvolvimento da infância, porém, em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio. (SIO).

Quanto à compreensão do desenho Vygotsky (2001, p. 40) considera que “[...] a) a figuração reflete o conhecimento da criança; e b) seu conhecimento, refletido no desenho, é o da sua realidade conceituada, constituída pelo significado da palavra”.

Contudo, nas intervenções realizadas, empreguei este método para enriquecer ainda mais a pesquisa. Em uma das intervenções, o desenho teve como objetivo o entendimento das crianças quanto a etapa da Educação Infantil. Um segundo desenho visou à compreensão quanto à Educação Física no âmbito da Educação Infantil e a imaginação das crianças da mesma, sucedendo no Ensino Fundamental, e por último um desenho da diferença entre a creche e escola. Todos eles foram realizados em diferentes intervenções.

3.4.3 Visitas/Saída de Campo.

Quanto a passeios, este é contemplado no PPP da instituição de Educação Infantil investigada: “As crianças realizam passeios definidos de acordo com o planejamento e a proposta pedagógica. O objetivo desta experiência é ampliar seus conhecimentos e a sua capacidade de observação do meio externo, bem como

favorecer a socialização e enriquecer o trabalho. A ocorrência destes passeios é comunicada antecipadamente aos pais, com todas as informações pertinentes aos mesmos. A criança somente sairá do NEI mediante assinatura da autorização.” (PPP, 2016).

Foram realizadas duas visitas visando aprimorar o objetivo do estudo. A primeira ocorreu na instituição em que as crianças estão matriculadas. Procuramos visitar o máximo de espaços da instituição educacional, dentre eles salas de atendimento, parques, áreas internas e externas. Esta visita inicial aconteceu com intuito de que as crianças compreendessem a Educação Infantil bem como suas diferentes etapas.

A segunda visita aconteceu em uma instituição de Ensino Fundamental, pertencente à Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina, localizada no mesmo bairro da creche, para que fosse concretizada a imaginação delas quanto à escola e a Educação Física. Visitamos também o máximo de espaços, permitindo que explorassem bastante o ambiente, se questionarem quanto as coisas observadas, para uma melhor compreensão sobre a próxima etapa educacional. As saídas de campo facilitam a interação dos alunos com o meio ambiente em situações reais aguçando a busca pelo saber, além de estreitar as relações entre aluno/professor (VIVEIRO; DINIZ, 2009 apud OLIVEIRA, 2012). Acredito que esta saída de campo instigou com que as crianças firmassem ou repensassem sobre o Ensino Fundamental.

3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como primeiro passo foi conversado com a professora de Educação Física da instituição, para qual foi apresentado o tema e o objetivo da pesquisa. Além da professora, exibi meu interesse à diretora da creche, conversei com ambas sobre a pesquisa a ser realizada. Após conversar com tais profissionais, procurei então a professora pedagoga do grupo e expliquei também para ela o objetivo. Por e-mail, foi enviado um plano quanto às intervenções a serem realizadas. Por fim, ficou acordado com a pedagoga que as intervenções aconteceriam às quintas-feiras no período vespertino.

O primeiro contato com as crianças foi apenas para apresentar-me, e dizer que iria realizar um trabalho com o grupo seis, e precisava da ajuda deles para concluir este trabalho. Acompanhei toda a rotina do dia junto à professora pedagoga para as crianças irem acostumando-se com a minha presença.

Para a semana seguinte foi enviado um termo de autorização aos responsáveis das crianças explicando a presente pesquisa, e pedindo a autorização dos mesmos. Todas as intervenções foram registradas por meio de registro diário, fotografias, áudios, e filmagem.

Com objetivo de que as crianças conseguissem compreender o que estava sendo efetivado, optei por realizar algumas intervenções de forma que elas compreendessem primeiramente a Educação Infantil, suas diferenças, suas características e seus progressos.

A primeira intervenção aconteceu no mês de Abril de 2017. Ao chegar à instituição participei recepção e do lanche das crianças junto com as professoras pedagogas. Antes de começar a intervir, as dentistas levaram o projeto de escovação para o grupo, o que fez passar um tempo da minha intervenção, não contemplando todo objetivo programado para o dia.

Ao termino desse projeto, expliquei que estava lá para fazer um trabalho muito importante que precisava da atenção de todas que só com esse trabalho eu me tornaria professora de Educação Física. Ainda nesta conversa inicial falei que iria filmar todo o momento da intervenção para poder facilitar o meu trabalho.

Como estratégia para que a intervenção acontecesse da melhor forma e as crianças se envolvessem ainda mais, construí um personagem com materiais reciclados, o qual coloquei o nome de Santiago da Silva, falando que ele veio de Portugal e não conhecia nada do Brasil, e naquele dia ele veio para conhecer a creche, para isso, as crianças teriam que passar em todos os locais da instituição para mostrar-lhe.

3.6 ANÁLISES DE DADOS

Para análise desta pesquisa foram definidas algumas questões, as quais fizeram parte do roteiro de entrevista, sendo elas a compreensão quanto à Educação Infantil, a Educação Física, o Ensino Fundamental e a imaginação quanto à Educação Física no Ensino Fundamental.

As visitas foram compreendidas através das observações e questionamentos em que eram realizados pelas crianças. Estas foram filmadas para que pudessem ser melhor analisadas posteriormente.

Para análise dos desenhos, foram feitas perguntas no momento em que desenhavam, em outros após sua finalização eram apresentados para o grupo. Em ambos foi buscado compreendê-los através da verbalização das crianças.

Na entrevista foram analisadas as respostas das crianças, através da fala e expressão corporal.

4. DISCUSSÃO

4.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil primeira etapa da educação básica, tem-se obrigatoriedade a matrícula de crianças a partir de 4 anos de idade. É de grande relevância a Educação Infantil ser obrigatória nesta idade, pois não é um espaço em que as crianças vão apenas para brincar. É sim um momento educacional, sejam eles por meio de atividades, momentos da rotina, ou momentos do parque, em que as crianças têm uma vivência que possibilite conhecer, descobrir coisas novas e serem autônomos.

Segundo Zabala (1998), a capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vivem. Instituições educacionais são um dos lugares preferenciais, nesta época. Para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesmo e sobre os demais.

Em roda na sala, falei que o Santiago queria saber algumas perguntas sobre a creche e sobre a experiência deles na instituição. Perguntei então se eles sabem quanto tempo eles estão na creche. Muitos pararam e ficaram pensando, outros

responderam, “11 anos”, (CRIANÇA 5 – MENINA), “1.000 anos” (CRIANÇA 3 – MENINO), “100 anos” “eu já era nova, mas não sei com quantos anos eu tava aqui” (CRIANÇA 8 – MENINA). Uma criança então falou que desde bebê, e todos então concordaram, falando que quando entraram estudavam na sala do G1, bem pequenos. Piaget traz uma noção de tempo e espaço que constitui-se em ponto de partida de toda noção de espaço e tempo. Entretanto, nos primórdios da vida, sequer esse mesmo corpo tem noção de sua posição no tempo e no espaço. (PIAGET, 1937).

Perguntei então se eles sabem o que eles fazem na creche. Quais atividades realizam. Uma menina levantou a mão e respondeu lembrando todos os momentos da rotina; “A gente chega, brincam um pouco, depois vamos tomar café, voltam para a sala, pegam a agenda e em roda, fazem uma atividade, depois vão para o parque, depois almoçam e dormem. E a tarde vão para o parque”. (CRIANÇA 10 - MENINA).

Perguntei se elas têm aula de Educação Física, e todas falaram que sim, mas não lembravam o nome das professoras (estas entraram este ano na instituição). Seguindo as perguntas de Educação Física, perguntei se eles sabiam quantos dias na semana eles têm aulas da mesma, muitos pararam para pensar, e responderam 40, (CRIANÇA 5 – MENINA), 100 dias, (CRIANÇA 9 – MENINO), 10000 dias (CRIANÇA 3 - MENINO), outros responderam que não sabiam. Neste momento percebi que elas não têm noção de tempo. Perguntei o que elas fazem nas aulas de Educação Física e logo veio o Boi-de-Mamão (prática muito explorada pela professora hoje aposentada da creche), equilíbrio, e tirolesa (proposta de estágio dos estudantes de Educação Física, que levaram o esporte de aventura como temática principal). Perguntei também quais os locais que tem aula de tal disciplina na creche. Todos responderam no refeitório, e na piscina, uma das crianças apontou para o parque, mostrando que lá também acontecem algumas aulas. Tentei indagá-los se mais algum lugar é realizado, uma das crianças lembrou-se do campo. Como última pergunta dentro da sala de aula, pedi para que me contassem sobre uma aula de Educação Física que eles mais gostaram. Alguns não quiseram responder, dos que responderam, muitos lembraram a atividade do parkour e da tirolesa (como já citado, proposta dos estagiários de Educação Física). Nesse momento começaram a descrever como aconteceu a aula.

Após tantos questionamentos, conversei com eles que iríamos mostrar os espaços para o Santiago, para que eles não se distraíssem, comuniquei que esta é uma atividade bastante importante, que eles necessitariam realizar para que eu conseguisse fazer meu trabalho. Comuniquei ainda que daria um aparelho de celular para que eles fotografassem os locais que eles achassem interessante na instituição.

Começamos nossa visita pelo estacionamento. No mesmo local foi uma correria. As crianças se dispersaram, tive que por diversas vezes chama-los de volta para atividade. Poucas eram as que estavam participando efetivamente, (geralmente as que estavam com o personagem na mão, e os colegas mais chegados dessas crianças que estavam com o mesmo). Pedi então para que esses mostrassem, para o Santiago, onde estávamos, e que atividades eram realizadas ali. Apresentaram então para o personagem falando: *“aqui é o estacionamento Santiago, aqui a gente anda de “bike” nas aulas de Educação Física”*. (CRIANÇA 11 - MENINA). *“Eu ando com o minha bicicleta”*. (CRIANÇA 12 - MENINO). Em sala quando perguntado quais os locais aconteciam às aulas de Educação Física, ninguém lembrou do estacionamento.

Passamos pela direção, e ali foi apresentada a sala da direção e a diretora da instituição para o Santiago, *“esse é o nosso amigo, o homem brinquedo”* (CRIANÇA 10 - MENINA). Ao lado, foi mostrado o almoxarifado da Educação Física, *“Ali tem materiais de Educação Física ó Santiago”* e a sala dos professores *“Aqui é onde os professores ficam”* (CRIANÇA 13 - MENINA).

Chegamos ao refeitório. Lá todos se dispersaram novamente, pois tinham muitas crianças na área externa, e muitas do grupo seis queriam brincar com as demais. Tive então que chama-los para a roda, conversar que não estava conseguindo fazer meu trabalho, e o Santiago não estava conseguindo conhecer a creche. Consegui então centrar a atenção deles por mais um tempo.

Uma das crianças apresentou o espaço como sendo o refeitório, e outra apresentou como salão. Perguntei o que elas fazem ali: *“A gente come, e de sobremesa é fruta. Aqui é onde a gente faz umas coisas de Educação Física”* (CRIANÇA 4 - MENINO). *“Aqui agente come e faz Educação Física”*; (CRIANÇA 2 -

MENINO). *“A gente come fruta”*. (CRIANÇA 10 - MENINA). *“A gente faz lanche”* (CRIANÇA 8 - MENINA).

Seguindo fomos para o ateliê. *“A gente faz atividades com as “profs” no ateliê”*. (CRIANÇA 13 - MENINA)

Perguntei quais outros espaços que tem na creche. Responderam a biblioteca. *“tem um montão de livros na biblioteca, a gente vê vídeos e lê”*. (CRIANÇA 10 - MENINA). Ainda no refeitório, apresentaram a cozinha, apontando para o local.

Na sequencia fomos para a piscina. *“Aqui é a piscina, a gente brinca um pouquinho aqui, faz Educação Física, depois a gente volta pra sala”*. (CRIANÇA 14 - MENINA).

No dia anterior havia chovido bastante, fazendo com que o parque estivesse molhado, assim não conseguimos chegar até lá, mas pedi para as crianças apresentarem ali mesmo do corredor o local para Santiago. Um menino então levantou o personagem em direção aos parques, apontando-os disse que na creche tem dois parques, *“aquele é dos bebês, e aquele dos grandes”* (CRIANÇA 15 - MENINO). Ainda na área externa tem um campo de futebol, e uma caixa de areia, apresentaram também esses espaços para Santiago. Na caixa de areia, havia uma coruja, as crianças pegaram na mão do Santiago, apontaram para o animal, e falaram *“olha Santiago, aquela é a coruja que está quase todos os dias aqui na creche”*. (CRIANÇA 5 - MENINA).

Como faltava pouco tempo para o almoço, tivemos que voltar para a sala. As professoras pedagogas então deixaram as crianças brincarem no solário até chamá-las para o refeitório. Enquanto elas brincavam deixei o Santiago com duas meninas, e essas o apresentaram, dizendo que ali é onde elas brincam, mostrando cada coisa que havia no parque, e mostrando os brinquedos, falando o que era cada um.

A estratégia do uso do celular, em que eu pedi para que elas fotografassem os espaços que tem na instituição não deu certo, pouquíssimas fotos foram de espaços, enquanto todas as outras foram fotos de seus colegas.

Comecei a segunda intervenção finalizando a visita às salas de atendimento da instituição (o qual era para ser realizado na primeira intervenção). Em conversa foi pedido para que elas observassem os diferentes espaços nas diferentes salas. Adotei uma estratégia nesse momento de pedir somente que uma criança fotografasse os espaços que ele achasse interessante.

Das 12 salas que tem na instituição conseguimos visitar somente cinco delas. Sendo essas G1, G3, G3/G4, G4 e G6. Para cada sala expliquei a proposta para as professoras responsáveis, e as crianças falavam que estavam mostrando a creche para o Santiago. Os motivos pelo qual não conseguimos visitar as outras salas se deu pelas professoras estarem realizando alguma atividade, ou as crianças estarem lanchando.

Cada sala visitada uma surpresa para as crianças. Mesmo muitas delas já tendo passado pelas salas em anos anteriores, não lembravam tão bem como era. Os olhares das crianças eram para todos os lados, observando cada coisa que tinha no espaço. Diferente da semana anterior em que todos queriam apresentar ao personagem os espaços visitados, pois eram lugares de costume das crianças irem. Nas salas de atendimento, elas queriam mais observar, e sem muita fala, levantavam o personagem para que ele também observasse.

No momento seguinte fomos para o parque. No espaço do parque foi colocada uma mesa para que a atividade fosse realizada em pequenos grupos nesse local. Enquanto alguns brincavam outros faziam o desenho que pedi, que foi quais os locais que mais chamaram atenção deles dessa visita que fizemos na creche. Com o objetivo de observar se eles realmente entenderam o que é Educação Infantil.

Enquanto realizavam o desenho, eu conversava com as crianças, com o intuito de saber o que estava sendo representado na folha. De todos os desenhos os que mais apareceram foram o parque (talvez por influência da atividade estar acontecendo neste local). Foram representados no papel também a piscina, o salão, o estacionamento.

Figura 1. (CRIANÇA 4 – MENINO)

“Casinha do parquinho, eu e o Santiago na minha mão”.



Fonte: Pesquisadora.

Figura 2. (CRIANÇA 1 – MENINA)

“Estacionamento da creche”



Fonte: Pesquisadora.

Analisando a gravação desta intervenção pude perceber através dos comentários que cada sala é diferente uma da outra “*Ai que legal essa sala*” “*Essa cadeira é pequena*” (CRIANÇA 12), “*Essa sala só tem bebês*” (CRIANÇA 16 – MENINO), “*aqui tem poucas mesas né?*” (CRIANÇA 4 – MENINO), também pelas fotografias registradas e pelos desenhos que as crianças conseguiram compreender o que é Educação Infantil, e que tem uma progressão, de idades, espaços diferentes nesta etapa.

Na entrevista quanto à Educação Infantil, contemplei perguntas como:

PESQUISADORA: O que é creche?

CRIANÇA 1 - MENINA: “*E... A gente brinca de boi-de-mamão*”.

CRIANÇA 2 - MENINO: “*É o lugar que nós estudamos*”.

CRIANÇA 3 MENINO: “*Creche é uma coisa que a gente brinca muito com os amigos. Brinca no parque...* ”.

CRIANÇA 4 MENINO: “*Creche é pra nós brincar*”.

CRIANÇA 5 MENINA: “*Creche... é coisa de fazer atividades, brincar...* ”.

CRIANÇA 6 MENINO: “*A creche é um negocio de obedecer as “profs” ficar de castigo... Ficar sentado e calar a boca*”.

CRIANÇA 7 MENINO: *“NÃO!”*.

CRIANÇA 8 MENINA: *“Creche? É uma coisa pra estudar, brincar... ”*.

CRIANÇA 9 MENINA: *“E dai aprende as coisa... Faz Educação Física, brinca no parque...”*.

PESQUISADORA: E o que você faz na creche?

CRIANÇA 1 MENINA: *“A gente brinca”*.

CRIANÇA 2 MENINO: *“É... “Brincamo”, “aprendemo”... ”*.

CRIANÇA 3 MENINO: *“A gente brinca, é o mais que a gente faz”*.

CRIANÇA 4 MENINO: *“A gente brinca, se diverte... E dai faz Educação Física. Faz bolinha se babão, vai no parque... vê as horas, e dai nossa mãe chega pra buscar”*.

CRIANÇA 5 MENINA: *“Brincar de parquinho, brincar de casinha. A gente brinca a gente estuda, a gente brinca de boneca, a gente brinca de balanço, mais no escorregador que é mais legal, e mais no parquinho”*.

CRIANÇA 6 MENINO: *“Brincamos, vamos no parque...”*.

CRIANÇA 7 MENINO: *“Aprende”*.

CRIANÇA 8 MENINA: *“Quando a gente vai embora, a gente primeiro faz a roda, depois a “prof” manda a gente ir pra mesa brincar de alguma coisa, e dai quando vem uma pra chamar, aquela mesa ali ó, vai pra lá, essa pra lá (apontando para as mesas)”*.

CRIANÇA 9 MENINO: *“A gente brinca”*.

PESQUISADORA: O que faz bastante na creche?

CRIANÇA 1 MENINA: *“O boi-de-mamão... A gente também brinca muito aqui na sala”*.

CRIANÇA 2 MENINO: *“Ir no parque... É... “Brincamo” de massinha”.*

CRIANÇA 3 MENINO: *“Atividade”.*

CRIANÇA 4 MENINO: *“A gente brinca muito”.*

CRIANÇA 5 MENINA: *“Brincar no parque”.*

CRIANÇA 6 MENINO: *“Ir no parque, a gente brinca, brinca de lego, de brinquedo e de massinha...”.*

CRIANÇA 7 MENINO: *“Parque”.*

CRIANÇA 8 MENINA: *“A gente gosta da hora de brincar. A gente brinca bastante, a gente gosta da hora da roda”.*

CRIANÇA 9 MENINO: *“Brinca no parquinho”.*

PESQUISADORA: O que faz pouco e gostaria de fazer mais?

CRIANÇA 1 MENINA: *“É... A gente desenha”.*

CRIANÇA 2 MENINO: *“Atividades”.*

CRIANÇA 3 MENINO: *“A gente faz pouco... A gente faz pouco... A gente brinca mais no parque”.*

CRIANÇA 4 MENINO: *“Na sala que a gente brinca pouco.”*

CRIANÇA 5 MENINA: *“Eu quero mais brincar”.*

CRIANÇA 6 MENINO: *“Nós queriam passear um pouco”.*

CRIANÇA 7 MENINO: *“Brincar de massinha”.*

CRIANÇA 8 MENINA: *“Não sei... Nada”.*

CRIANÇA 9 MENINO: *“Nós “vamo” no passeio pouco. A gente desenha pouco e dorme muito”.*

Observa-se que ao perguntar sobre a Educação Infantil, a maioria remete a brincadeira presente na realidade desta etapa de ensino. Percebe-se a brincadeira na fase da infância de extrema importância, a criança para crescer, desenvolver-se, agir coletivamente, tornar-se uma pessoa autônoma, tem que ter na fase da infância principalmente na Educação Infantil realização de jogos e brincadeiras. Kishimoto e Pinazza 2008 trazem uma reflexão da brincadeira na educação da criança:

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio (a infância), e, ao mesmo tempo, típico da vida humana como um todo – a vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Ele dá, assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz com o mundo. Ele assegura as fontes de tudo o que é bom. Uma criança que brinca por toda parte, com determinação auto ativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção deste bem-estar de si e de outros. Não é a mais bela expressão da vida da criança neste tempo de brincar infantil? A criança que está absorvida em seu brincar? A criança que desfalece adormecida de tão absorvida? (...) brincar neste tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (KISHIMOTO e PINAZZA, 2008, p.48-49).

Também Kishimoto, citado por SANTOS (1999), afirma que Fröebel foi o primeiro educador que justificou o uso do brincar no processo educativo. Ele tinha uma visão pedagógica do ato de brincar. O brincar, pelo ato de brincar desenvolve o aspecto físico, moral e cognitivo, entre outros, mas o estudioso defende a necessidade da orientação do adulto para que esse desenvolvimento ocorra.

Na Educação Infantil a brincadeira está presente em quase todo o momento. Utiliza-se da mesma por ser algo presente na infância assim estimulando que a aprendizagem se dê por meio desta. Benjamin traz uma importante reflexão da brincadeira na educação da criança:

Pois é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno através de brincadeiras, acompanhados pelo ritmo de versos e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira. Os hábitos são formas petrificadas, irreconhecíveis, de nossa primeira felicidade e de nosso primeiro terror. (SAUL E SILVA, 2011, apud BENJAMIN, 1994, p.253).

Saul e Silva, (2011) afirmam que a brincadeira não deve ser entendida um espaço/tempo único, exclusivo, no conjunto das atividades da criança e sim, deve permear todos os momentos de aprendizagem. Relatar a brincadeira na Educação Infantil é algo muito comum para as crianças, visto que esta toma-se como centro organizador para aprendizagem e desenvolvimento de tais.

4.2 EDUCAÇÃO FÍSICA

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) trata do corpo e movimento tendo como objetivo:

- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Brincar, expressando emoções, sentimento, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva (BRASIL, 1998). Assim, meu objetivo nesta intervenção era compreender se as crianças entendem o que é Educação Física. Comecei a intervir em roda, lembrando o que foi feito na semana anterior, e explicando o que iria realizar-se neste dia.

MOMENTO 1.

Após essa conversa inicial levei alguns materiais e pedi para que as crianças dissessem-me quais deles a professora de Educação Física usa em suas aulas. O primeiro material a ser mostrado foi uma caixinha de giz de cera. Perguntei se em uma aula de Educação Física as professoras usam o giz. Em um único coro as crianças responderam: “NÃÃÃÃÃÃO”. Tentei mais uma vez: “Não usam? Todo mundo acha que não?” Responderam mais uma vez que “NÃO”. Uma das crianças respondeu dizendo que só usam o giz para desenhar com as professoras

pedagogas. Tentei uma terceira vez, falando o nome das professoras de Educação Física, perguntando se as mesmas não usam. E novamente falaram que “NÃO”.

O segundo material apresentado foi um livro. Mostrei para elas, fazendo a mesma pergunta do objeto acima. Mais uma vez em coro: “NÃO É, NÃO É, NÃO É”. Mostrei agora uma folha de papel. Com a mesma pergunta as crianças, igualmente responderam: “NÃO”. Perguntei, “você não, desenha nas aulas de Educação Física?”, Tentando instigar a memória da última intervenção na qual realizamos um desenho, responderam-me “*a gente não desenha*”.

Mostrei o próximo objeto e perguntei: Que objeto é esse? “*Uma raquete!*” Enquanto uns respondiam qual o objeto, outras crianças gritavam: - *SIM, SIM, SIM, SIM, É USADO SIM*. Agora um bambolê, “ele é usado na Educação Física”? “*SIIIIM!*” Quando mostrei a bola, percebi que com muito mais euforia as crianças responderam: “*ÉÉÉÉ, SIIM, É SIM*”.

Por fim mostrei um data show, perguntei se eles sabiam o que era esse objeto, as respostas foram: “*É uma coisa que sai umas coisa pra vê vídeo*”. “*É pra ver desenho*”. “*É um material*”, “*Pra jogar vídeo game*”. Expliquei o que era um data show. E perguntei se as professoras de Educação Física usam-o. Nesse momento tiveram três crianças que falaram que sim “*para ver filmes*”. (CRIANÇA 3 – MENINA), (CRIANÇA 5 – MENINA) (CRIANÇA 10 – MENINA).

Uma das atividades mais desafiadoras da Educação Física é conseguir relacionar na disciplina teoria e prática. Meu objetivo ao mostrar diferentes objetos, era observar e compreender se elas conseguiam entender o que é a disciplina de Educação Física. Após esse momento percebi então que tem-se muito uma relação apenas com atividades práticas, mesmo na instituição onde ocorre uma parte inicial dentro de sala, onde os professores se fazem presentes durante toda a rotina, as crianças associam Educação Física somente com realização de atividades e brincadeiras.

MOMENTO 2.

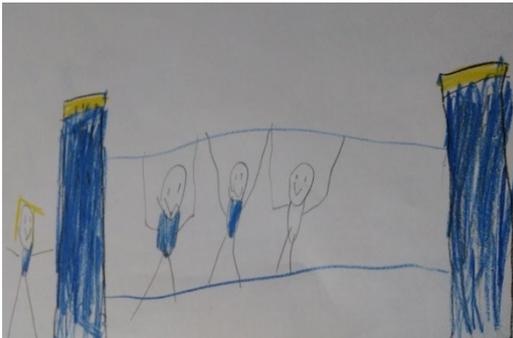
No segundo momento foi proposto que as crianças fizessem dois desenhos, de como é a Educação Física na creche (uma aula que gostaram muito), e como eles imaginam que será na escola. Dentre os desenhos da Educação Física na

Educação Infantil, esses foram representados por boi-de-mamão (por muitas crianças), slackline, corda bamba, falsa baiana, brincadeiras de bambolê, cordas, céu, nuvem, árvores, professoras de Educação Física, parque, e o espaço externo da instituição, a piscina, (onde tem-se bastante aulas de Educação Física).

Já no segundo desenho, onde era para imaginar como será uma aula de Educação Física na escola, muitos tiveram dificuldades para expor no papel, contudo foram representados por bolas, *“muitas bolas”*, (CRIANÇA 19 – MENINA) *“uma pessoa jogando bola”* (CRIANÇA 7 – MENINO), *“na escola é só jogar bola”* (CRIANÇA 6 – MENINO), e outras desenharam espaços da escola, uma sala, uma mesa, cadeira e um livro.

FIGURA 3. CRIANÇA 3 – MENINO.

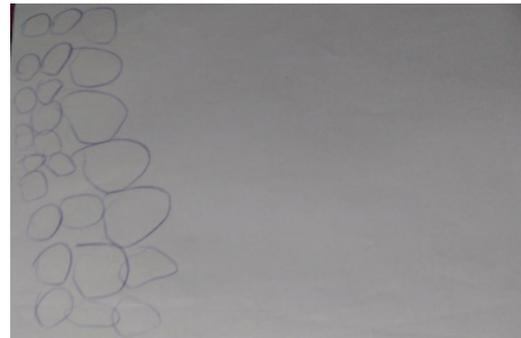
“Aula de slackline na creche”



FONTE: PESQUISADORA.

FIGURA 4. CRIANÇA 19 – MENINA.

“Aula de educação física na escola. Muitas bolas”.



FONTE: PESQUISADORA

Como avaliação deste momento destaca-se que quando se pergunta o que é Educação Física muitas relatam como esta é realizada na instituição. As crianças tendem a lembrarem de alguma aula marcante, que ficou guardada na memória e expõem estas através das respostas. Mesmo sem elas terem alguma vivência com as aulas no Ensino Fundamental, essas diferente da Educação Infantil, são imaginadas por atividades envolvendo os esportes, mais especificamente os esportes que envolvem bolas.

Num terceiro momento foi realizado uma entrevista o qual se encontra por momentos na discussão.

Por meio de tais objetivos, trago a pergunta sobre a Educação Física com o objetivo de compreender se elas sabem o que é tal disciplina.

PESQUISADORA: O que é Educação Física? Quais os locais que tem Educação Física na creche?

CRIANÇA 1 MENINA: *“A gente brinca um pouco”.*

“Só no refeitório, ali (apontou para a piscina) e no estacionamento”.

CRIANÇA 2 MENINO: *“É quando nós fazemos coisas diferente. “Andamo” na corda, “pulamo”, “pulamo” no pau... boi-de-mamão... “É coisa que nós fazemos e aprendemos coisas”.*

“É lá no salão e na piscina”.

CRIANÇA 3 MENINO: *“Quando a gente faz o boi-de-mamão. Quando a gente faz contigo, que tu “ta” tentando ser uma professora de Educação Física, dai é pra mim. A gente faz mais... a gente brinca muito, dai, a aula de Educação Física é mais legal do que brincar. A gente brinca muito, a gente corre (começou a correr na sala), a gente fica correndo de um lado pro outro”.*

“É feita ali ó (apontou para o refeitório). No campo é só com a tua amiga, e com teu amigo. Educação Física é a coisa mais legal que a gente faz”.

CRIANÇA 4 MENINO: *“Educação Física é tipo quando a (falou nome da professora) faz Educação Física com a gente”.*

“No refeitório”.

CRIANÇA 5 MENINA: *“Educação Física eu sei, eu sei... É pra fazer coisas de... de... de... é pra subir no trapézio”.*

“No refeitório”

CRIANÇA 6 MENINO: *“Jogar bola?”.*

“Parque, casinha, tem duas casinhas uma lá e outra aqui (apontou-as), salão, no campo, pra chutar a bola assim (realizou movimento do chute)”.

CRIANÇA 7 MENINO: *“A gente brinca, a gente vê o boi-de-mamão...”*

“É no salão”.

CRIANÇA 8 MENINA: *“Eu não sei muito Educação Física, mas Educação Física é assim ó... A gente pega o material e fica brincando com as crianças. E também tem de bambolê assim, que pega a bola e acerta dentro”.*

“É lá, onde os bebês estão brincando (refeitório), eu acho que é lá no parque também e... e... mais um lugar que eu não sei, eu não se lembro, eu sei mais eu esqueci”.

CRIANÇA 9 MENINO: *“Nós brinca muito na aula de Educação Física. Nós brinca de boi-de-mamão, de corda bamba... de... de... de bola, de bicicleta, de bambolê...”.*

“No “recitório”, ai... no “recitório”! Aaaai no RE-FEI-TÓ-RI-O!”.

Assim como no questionamento da Educação Infantil, quando se pergunta sobre a Educação Física, algumas crianças trazem atividades, objetos e brincadeiras como elementos desta disciplina, lembrando algumas aulas marcantes para elas. As Diretrizes Curriculares trazem que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras” (BRASIL, 2009, p. 4).

Percebe-se que grande parte das crianças traz o refeitório como local de espaço das aulas, afirmando mais uma vez que esta é vista apenas como disciplina prática. Borges (1997) citando Santos, durante o processo educacional o professor deve oportunizar aos alunos o saber e o fazer da Educação Física, ou seja, estabelecer uma relação entre a teoria e a prática que são indissociáveis, pois para toda teoria existe uma pratica e vice-versa. O refeitório na Educação Infantil é um espaço muito utilizado para diferentes atividades. Pode-se observar pelas falas das crianças que é o principal espaço utilizado pela prática de Educação Física, principalmente por ser o único local coberto, fazendo com que por diferentes condições climáticas tornam esse espaço o mais propicio para as práticas. Contudo no Ensino Fundamental, pouco vê-se o refeitório como principal local de realização das aulas de Educação Física.

4.3 ENSINO FUNDAMENTAL

O objetivo da Educação Física segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

- Conhecer seus limites e possibilidades para estabelecer as próprias metas.
- Compreender, valorizar e saber usufruir as diferentes manifestações culturais.

- Organizar jogos, brincadeiras e outras atividades lúdicas.

O RCNEI recomenda aos professores principalmente dos três primeiros anos do ensino fundamental:

Adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade das crianças nas salas de aula e as levem a explorar mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, a utilizar materiais que ofereçam oportunidades de raciocinar, manuseando-os e explorando as suas características e propriedades (BRASIL, 2010b, p. 38).

Neste dia tinha como objetivo a concretização da imaginação quanto ao Ensino Fundamental e a Educação Física do mesmo através da visita a escola também situada no bairro Carianos.

Assim que chegamos fomos recebidos pelo diretor da escola o qual nos levou até a professora de Educação Física do primeiro ano, ainda neste trajeto muitas crianças já iam se encantando com as coisas que viam: *“Olha só que legal, bebedouro, lá na creche não tem isso”*. (CRIANÇA 16 – MENINO). A professora então nos levou até a sala do primeiro ano. Assim que entraram os olhos brilhavam, não sabiam para onde olhar, eram muitas novidades, mesas e cadeiras, de frente para o quadro, uma mesa para cada aluno, alfabeto na parede, armário na sala de aula... Deixamos as crianças livre para explorarem o ambiente por algum tempo. Uma das crianças perguntou para a professora onde eles dormem. (CRIANÇA 7 – MENINO), a professora então explicou que na escola elas não dormem mais. A criança então fez uma expressão de assustada e foi olhar outras atividades da sala de aula.

Neste momento em sala de aula percebe-se que eles compreendem uma diferença entre as salas de atendimento da creche e as salas de aula do Ensino

Fundamental, onde ambas passam o maior tempo dentro delas, acontecem diferentes atividades. Através das falas onde expõe: *“Aqui as mesas são diferentes”*, (CRIANÇA 16 – MENINO), *“tem alfabeto, e atividades na parede”* (CRIANÇA 12 – MENINO), *“tem um armário diferente aqui”* (CRIANÇA 18 – MENINO). Quanto à organização dos espaços da sala Bezerra 2014 expõe: Tal organização permite e facilita os trabalhos e dinâmicas em grupo, favorecendo a interação, reflexão e o diálogo, além de contribuir para que o professor caminhe por todos os espaços e intervenha quando necessário (BEZERRA, 2014).

Em seguida fomos para a quadra poliesportiva. Diferente da creche em que há bastantes espaços para realização de atividades sem demarcações e implementos para o esporte. Na escola, a quadra é delimitada para a prática esportiva, obtendo traves, cesta de basquete e quadra de vôlei. Em roda ainda na quadra, perguntei para as crianças que tipo de atividades são realizadas neste espaço, muitos responderam aulas de Educação Física, *“Aqui fazemos aula de vôlei, vôlei se joga assim (fez movimento da manchete)”* *“Também joga basquete e futebol, porque olha ali tem cesta e trave”* (CRIANÇA 7 – MENINO). Ao lado da quadra, tem um espaço verde, com uma árvore e um balanço na árvore. Pensei que iriam relacionar que as intervenções de Educação Física aconteceriam também neste local, por realizarem muitas aulas na creche na área externa. Porém não citaram em nenhum momento que a Educação Física poderia acontecer no gramado. *“O parquinho (balanço na árvore) aqui é muito mais legal que na creche, porque é balanço de pneu”* (CRIANÇA 3 – MENINO).

Pode-se analisar que a quadra mesmo não tendo na instituição onde as crianças estudam esta é relacionada diretamente com as aulas de Educação Física, por conter nelas implementos utilizados nos esportes. Ainda em quadra, conversando sobre as atividades que podem ser realizadas em tal espaço, percebe-se que em nenhum momento é relatado que pode-se fazer brincadeiras, ou outras propostas, mas somente a prática esportiva. Reforçando ainda mais o que foi observado nas entrevistas. A prática esportiva está muito presente na imaginação das crianças quanto à Educação Física no Ensino Fundamental.

Saindo da quadra fomos para a sala informatizada. Quanta coisa nova. Muitos computadores, textos expostos na parede por meio do data show. Olhares curiosos

para cada computador cada detalhe da sala. Na parede estava projetado um capítulo do livro pequeno príncipe. As crianças começaram a pular querendo apertar no botão de desligar o computador este também projetado. Expliquei que nessa sala as pessoas aprendem algum conteúdo mexendo no computador. *“Uai que legal, aprender mexendo no computador”* (CRIANÇA 5 – MENINA). A professora que estava dando aula neste local, afirmou dizendo que naquele momento eles estavam lendo um livro pelo computador. *“Que legal, eles leem no computador”* (CRIANÇA 9 – MENINO).

Seguimos para a biblioteca. Muitas crianças ficaram bastante agitadas neste local. Perguntei se na creche tem um lugar como esse. *“Sim, lá tem biblioteca, mas aqui é muito mais maior, olha quantos livros...”* (CRIANÇA 3 – MENINO). Uma das crianças pegou um livro que estava em cima da mesa e começou a ler. (CRIANÇA 7 – MENINO) *“Olha “prof”, tem coisa na porta (quadro), olha aquilo que legal, (livros)”* (CRIANÇA 20 – MENINO).

Próxima sala a ser explorada foi à sala dos professores. Com muitas cadeiras grandes e estofadas, uma mesa central enorme, muitos armários. As crianças entraram correndo umas sentaram nas cadeiras, outras ficaram observando os armários, *“Olha “prof” cada um tem um número, (começou a contar quantos armários tinham)”* (CRIANÇA 21 – MENINO).

Da sala dos professores conhecemos o refeitório. Aparentemente menor que o da creche. Sentamos nas mesas, e perguntei-lhes se sabiam o que é aquele espaço. Todos: *“Refeitório”, “mas aqui é diferente da creche, porque aqui não tem Educação Física, só lá (apontou para a quadra)”* (CRIANÇA 18 – MENINO).

Neste momento seguimos para sala da coordenação, nela algumas pessoas trabalhando. As crianças então entraram, observaram a sala, mexendo nas folhas que estavam pela mesa, canetas, tesouras, entre outras. Começaram a conversar com os profissionais, um deles deixou que elas mexessem no computador. Juntou então um grupo de crianças que ficaram apertando ao mesmo tempo o teclado. Uma delas digitou o seu nome no computador. Não querendo mais sair deste ambiente.

Ao lado é a secretaria. Entramos e a conhecemos. Este espaço foi o que menos visitamos, a euforia era tanta, que ao entrar, por ser uma porta mais estreita,

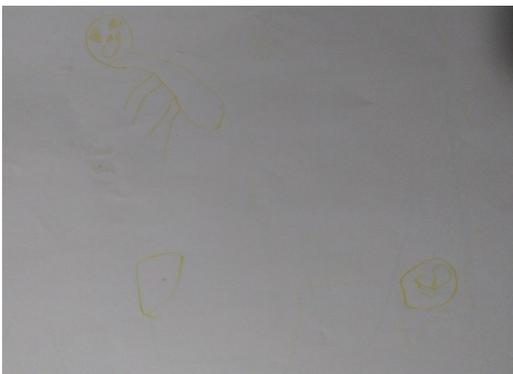
uma criança começou a empurrar a outra para que pudesse conhecer a sala. Tivemos que chamar a atenção delas neste momento, e assim que se acalmaram e todas entraram, começaram a observar a sala. Na secretaria tem uma janela de vidro para recepcionar as pessoas. Assim que entraram algumas crianças sentiram-se como sendo profissionais. Não conseguiam nem olhar quem estava pelo lado de fora, pela altura da janela, mesmo assim deram uma voz de comando *“Olá tudo bem com você? Você quer alguma coisa?”* (CRIANÇA 5 – MENINA).

Após todas essas salas visitadas, fomos para frente do colégio, onde o diretor se apresentou para o grupo, agradecemos a professora que nos guiou durante a visita, e partimos em direção à creche.

Assim que chegamos, em roda dentro da sala, lembrei que havíamos realizado uma visita à creche, e hoje fizemos uma visita à escola. Relembramos todos os espaços visitados em ambos locais. E perguntei-lhes o que eles conseguiram ver de diferente entre a creche e a escola. *“Na escola tem uma coisa que parece um labirinto, é na biblioteca, aqui é biblioteca não parece um labirinto”* (CRIANÇA 3 – MENINO). *“Eu achei diferente o parque, que também tinha uma quadra de vôlei e também de futebol, e um balanço”* (CRIANÇA 7 – MENINO), *“Pode ser de vôlei de praia também”* (CRIANÇA 3 – MENINO), *“Eu vi a diferença no parquinho”* (CRIANÇA 16 – MENINO), *“Eu vi a sala, que tinha pintura pendurada, e mesas diferente”* (CRIANÇA 8 – MENINA) *“Eu vi cheiro de bolo, que a gente nunca tem bolo aqui”* (CRIANÇA 4 – MENINO), *“O parque é diferente, aquele é mais legal”* (CRIANÇA 12 – MENINO).

FIGURA 5. CRIANÇA 4 – MENINO

“Brincadeiras na creche”



FONTE: PESQUISADORA

FIGURA 6. CRIANÇA 4 - MENINO

“Cadeira, mesa e livro na escola”.



FONTE: PESQUISADORA

Pode-se perceber uma grande diferença entre a Educação Infantil a qual as crianças estão matriculadas, e o Ensino Fundamental. Através da visita e pergunta feita entre a diferença entre os dois ambientes escolares, compreende-se que conseguem ver a diferença entre ambos. O espaço mais citado foi o parquinho, que na escola não vimos. Apenas tinha a quadra e uma árvore, que mesmo assim talvez por ser algo diferente para eles, o da escola era sempre mais legal. *“As salas são mais legal, a biblioteca é mais legal, a quadra, o parque, não vejo a hora de ir para a escola”* (CRIANÇA 18 – MENINO). Para tanto perguntei, durante as entrevistas, sobre o Ensino Fundamental, para observar se as crianças, que no próximo ano estudarão neste ciclo, compreendem algo sobre ele.

PESQUISADORA: O que é escola? O que se faz lá?

CRIANÇA 1 MENINA: “Na escola tem recreio. A gente também pode ter um professor novo na escola”.

CRIANÇA 2 MENINO: “É o lugar que nós... que nós trabalhamos”.

CRIANÇA 3 MENINO: “Escola é quem estuda. Onde a gente estuda muito... onde a gente brinca... A gente não dorme. O recreio da escola é muito mais divertido”.

PESQUISADORA: “E aqui tem recreio?”.

Criança: “Tem! Tem recreio, só que não tanto recreio... Não tem muito recreio não...”.

CRIANÇA 4 MENINO: “A gente estuda na escola. Na escola da minha irmã tem um parquinho lá, eu sempre quis entrar... Ahh, tem como levar lanche. Aqui é muito mais divertido, é porque daí lá a gente só fica no caderno assim (fez movimentos como se estivesse escrevendo). É muito chato”.

CRIANÇA 5 MENINA: “Escola? Eu sei... Escola é... Deixa eu lembrar... É que eu não lembro... Escola é coisa pra fazer atividade, também pra ganhar dinheiro e também comprar brinquedo”.

CRIANÇA 6 MENINO: “A escola é um negocio que tem um monte casa”. Eu acho que eu vou desenhar, vou dormi...”.

CRIANÇA 7 MENINO: *“Não sei. É legal, a escola é legal. A gente aprende”*.

CRIANÇA 8 MENINA: *“Eu não sei, acho que é pra estudar”*.

CRIANÇA 9 MENINO: *“Escola é pra nós estudar, pra crescer”*.

Diferente de quando perguntado sobre a Educação Infantil, em que muitas crianças trouxeram o elemento da brincadeira, parque, desenhos entre outros. Quando questionadas ao Ensino Fundamental, essas mesmo sem terem contato com este ciclo associam o mesmo ao lugar onde estuda e aprende. Deixando implícito que em seus entendimentos a Educação Infantil é apenas um lugar de diversão, diferente da escola, tornando-se algo sério.

A visita à escola tinha como objetivo a compreensão dos alunos quanto ao segunda etapa de ensino. Como já citado no decorrer deste, as crianças por meio das falas, observaram a diferença entre os espaços, sala de atendimento, quadra refeitório, sala de professores, corredor, biblioteca, penso que elas conseguiram compreender e diferenciar da Educação Infantil.

No dia da visita não conseguimos observar uma aula de Educação Física. Podendo ser vistos como dois pontos de vista. O primeiro como sendo bom, deixando que elas afluíssem suas imaginações, e o segundo como sendo ruim, fazendo com que elas reproduzissem a aula observada como sendo aquela aula do ensino fundamental.

4.4 IMAGINAÇÃO

Vygotsky conhecido como o pai da Psicologia Histórico-Cultural valoriza a mente humana quanto à imaginação:

(...) La imaginación, como base de toda actividad creadora, se manifiesta por igual em todos los aspectos de la vida cultural posibilitando la creación artística, científica y técnica. En este sentido, absolutamente todo lo que nos rodea y ha sido creado por la mano del hombre, todo el mundo de la cultura, a diferencia del mundo de la naturaleza, todo ello es producto de la imaginación. (1990, p. 10)

O autor através de tal obra valoriza a imaginação como sendo uma atividade importantíssima da mente humana. Diferente de outras concepções de imaginação que a colocam como algo sem importância ou como um “divertimento caprichoso do cérebro” (p.15). (BALMANT, 2004).

Para Vygotsky, toda nova descoberta é uma imaginação cristalizada. A imaginação não é algo totalmente alheio à realidade nem separado dela, mas, toma dela própria os dados dos quais se utilizará. (1991, p.10) (BALMANT 2004, apud VYGOTSKY).

Para Vygotsky a imaginação vincula-se de quatro maneiras:

- a. Ela encontra-se em relação direta com a riqueza da experiência de uma pessoa. A acumulação da experiência é o primeiro momento de um processo imaginativo criativo.
- b. O segundo momento é um momento de maturação, decantação ou incubação. Ele ocupa um “tempo”, e está diretamente relacionado com a função conservadora do cérebro. Através desse processo, temos um segundo modo da imaginação ligar-se à realidade.
- c. A terceira forma de vinculação entre imaginação e realidade é pela relação emocional. Isso se dá de dois modos, no entender de Vygotsky: toda emoção ou sentimento tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ela, do mesmo modo, as emoções podem eleger determinadas imagens, ideias, impressões, que sejam congruentes com o estado de ânimo que nos domina (1990, p.21) - é o que os psicólogos denominam de “lei do signo emocional comum” (1990, p.22). Também os psicólogos têm alertado que todo sentimento possui além de uma manifestação externa, corpórea, uma expressão interna que se dá pela seleção de pensamentos, imagens e impressões. A este fato eles chamam de “lei da dupla expressão dos sentimentos.” (1990, p.21)
- d. Um último modo de ligação entre imaginação e realidade ocorre por meio da fantasia cristalizada, onde a imaginação adquire realidade plena e concreta. (VYGOTSKY apud BALMANT, 2004).

Quanto à temática da imaginação foi introduzida uma pergunta na entrevista.

PESQUISADORA: Como você acha que vai ser a Educação Física na escola?

CRIANÇA 1 MENINA: *“Uma pessoa jogando bola”.*

CRIANÇA 2 MENINO: *“Eu acho que vamos fazer coisas legal, pra aprender”.*

CRIANÇA 3 MENINO: *“Eu já sei... (silencio)... Eu não sei”.*

CRIANÇA 4 MENINO: *“Uma mesa, uma cadeira e um livro. Eu sei que vai ser só estudo. Não vai ter nada de educação física. A gente só vai ficar escrevendo no caderno. É porque minha irmã já está na escola, e ela estuda muito, então eu já sei como vai ser, vai ser estudar”.*

CRIANÇA 5 MENINA: *“Eu imagino que vai ter bastante bola”*

CRIANÇA 6 MENINO: *“É só jogar futebol né? Tem uns negócios assim, dois riscos assim”* (com gestos fez a trave do futebol).

PESQUISADORA: Isso é a trave?

Criança: *“Que? Trave?... Sim, trave”.*

CRIANÇA 7 MENINO: *“Eu acho que vai ter isso aqui (fez movimento do arremesso no basquete), isso aqui é de jogar lá em cima, onde tem esse círculo, você sabe o que é?. BASQUETEE! Eu acho que vai ter basquete”.*

CRIANÇA 8 MENINA: *“Eu acho que vai ser tão legal... Eu acho que vai ser feito com bola, com bambolê, com cordas e raquete”.*

CRIANÇA 9 MENINO: (fez movimentos com ombros, simbolizando que não sabe).

Pode-se perceber por meio das respostas das crianças quando tratamos da Educação Física no contexto do Ensino Fundamental, muitas delas imaginam sendo uma disciplina totalmente esportivizada, apenas uma delas remeteu a disciplina como trazendo um aprendizado a elas. Penso que essas respostas podem ter sido reproduzida por meio da sociedade a qual esta imposta que a Educação Física não é tão importante quanto por exemplo Matemática e Língua Portuguesa, considerando-a uma disciplina em que apenas faz exercícios físicos, não passando uma pedagogia as crianças. É um desafio muito grande para os professores de Educação Física, onde tem que enfrentar muitas barreiras para que possamos ser reconhecido como disciplina teórico-prática.

Essas respostas firmaram o que elas pensavam sobre a Educação Física, quando realizada a visita. Por na escola ter uma quadra poliesportiva com redes de vôlei, cesta de basquete, e traves para futebol. O qual instantaneamente

relacionaram com as aulas de Educação Física. Quando questionados quais os espaços na escola que pode ser realizada uma aula da mesma, não foram reconhecidos se quer outro local a não ser a quadra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos três últimos anos das experiências com o PIBID, concluo ter sido de extrema importância esse processo de professora-auxiliar para que esta pesquisa fosse concretizada. Através das intervenções consegui ter uma percepção que as crianças precisam que os professores trabalhem sobre a temática da transição para não ter uma barreira educacional tão grande como ocorre hoje. Acredito que este trabalho ajudará as crianças participantes do estudo a chegarem ao próximo ano sem se deparar com tantos estranhamentos, fazendo-as com que tenham uma melhor transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Pode-se perceber através do discurso das crianças que ambas as etapas educacionais tem suas características. Ao falar sobre a Educação Infantil, a fala remete muito a brincadeiras, o qual trabalha com a mesma como processo de aprendizagem. Contudo quando questionadas sobre o Ensino Fundamental, em sua maioria trazem o aprender e estudar como objetivo principal. Ainda quando interrogadas sobre a Educação Física no segundo ciclo de ensino, esta é imaginada pelas crianças como disciplina apenas prática, e com conteúdos esportivizados. Destaco aqui algo que se tem tentado romper, visando que a Educação Física tem muito conteúdo a ser apresentado, que a disciplina é sim teórico-prática, mas a sociedade ainda reconhece como sendo aulas meramente esportivizante. Conclui-se então através das intervenções realizadas que a hipótese inicial foi comprovada.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALMANT, Flávia Diniz Roldão. A IMAGINAÇÃO EM VYGOTSKY: princípio para novas construções, para a expansão de conhecimentos e para o desenvolvimento. Disponível em <
<http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI053.pdf>>. Acesso: Março de 2017.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**, p. 20-69. 2015. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-%20pdf&category_slug=abril-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso: Março de 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**, p. 20-69. 2015. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-%20pdf&category_slug=abril-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso: Março de 2017.

_____. Lei nº 9.394: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 1-9, dez. 1996.

_____. MEC/CNE. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília, 2010.

_____. MEC/CNE. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos**. Brasília, 2013.

_____. MEC/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

_____. MEC/SEB. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

_____. MEC/SEB. **Subsídio para Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para Educação Infantil**. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 1997.

CAVALARO, A. G.; MULLER, V. R. **Educação Física na Educação Infantil: Uma Realidade Almejada**. In. *Educar*, Curitiba Editora UFPR, n. 34, p. 241–250, 2009.

CERISARA, Ana B. **Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?** Perspectiva: Revista do centro de Ciências da Educação. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, vol. 17, nº Especial, p. 11-21, julho/dez, 1999.

DA SILVA CABRAL, Elisângela; DOS SANTOS, Maria Cristina. A Importância do Movimento na Educação Infantil. <Disponível em: <https://movimentoei.wordpress.com/2009/11/08/texto-ii-a-trajetoria-da-educacao-fisica-ao-movimento/>> Acesso: Março de 2017.

DE SIO1-FACEL, Rosa Terezinha Gomes. **A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL CRIANÇAS DE 02 A 07 ANOS**. Disponível em: < <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/CI/TC-CI0086.pdf>>. Acesso: Março de 2017.

DIAS, Edilamar Borges; CAMPOS, Rosânia. Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 244, 2016. Disponível em: < <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/2551>>. Acesso: Março de 2017.

DOS SANTOS, Odenice Juliana Gonzaga; DA SILVA, Morgana Claudia. **Teoria e prática: as implicações nas aulas de Educação Física escolar.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd170/teoria-e-pratica-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso: Março de 2017.

FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.** 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/25_05_2015_13.21.19.a8cfbc1ba45502447185ee928a98ce06.pdf>. Acesso: Novembro de 2016.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto Político Pedagógico, Nei Zilda Arns Neumann. Prefeitura Municipal de Florianópolis.** 2016.

GOES, Elaine Gesibel Teixeira. **TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA.** 2012. 53 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/ELAINE_GT_GOES.PDF>. Acesso em: Abril de 2017.

KISCHIMOTO, T.M. O jogo e a educação infantil. In: Revista Tecnológica Educacional, nº22. Rio de Janeiro, 1988. Acesso em: Abril de 2017.

MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados/ Mariana de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 3. Ed – São Paulo: ATLAS, 1996. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/237629448/tecnicas-de-pesquisa-marconi-lakatos-pdf>> Acesso em: Abril de 2017.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato. **Continuidades e discontinuidades na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental no contexto de nove anos de duração.** Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2012. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/2585.pdf>. Acesso em: Abril de 2017.

METZNER, Andréia Cristina. A Educação física na educação infantil: uma breve reflexão. **Faculdades Integradas Fafibe Mantenedora: Associação de Educação e Cultural do Norte Paulista**, p. 54, 2006. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/10/19042010092157.pdf>>. Acesso em: Abril de 2017.

MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educ. Soc., Campinas**, v. 27, n. 95, p. 553-573, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v27n95/a12v2795.pdf> Acesso em: Abril de 2017.

NAHOUM, C. **La entrevista psicológica**. Buenos Aires: Kapelusz, 1961. Disponível em <[https://www.uam.es/personal_pdi/stmaria/jmurillo/Met_Inves_Avan/Presentaciones/Entrevista_\(trabajo\).pdf](https://www.uam.es/personal_pdi/stmaria/jmurillo/Met_Inves_Avan/Presentaciones/Entrevista_(trabajo).pdf)> Acesso em: Abril de 2017.

NEVES, V. F. A.; GOUVÊA, M. C. S.; CASTANHEIRA, M. L. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.1, p.121-140, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022011000100008&script=sci_arttext> Acesso em: Abril de 2017.

OLIVEIRA, Daiane Krewer; ANTUNES, M. da S.; SOARES, Briseidy Marchesan. Saída de campo: Atividade que possibilita explorar uma diversidade de conteúdos no meio ambiente. In: **Congresso Internacional de Educação Científica e Tecnológica**. 2012. Disponível em: <http://www.santoangelo.uri.br/anais/ciecitec/2012/resumos/REL_EXP_PLENARIA/pl_e_exp23.pdf> Acesso em: Abril de 2017.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 9, n. 33, 2009. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/oldhistedbr/article/view/4023>> Acesso em: Abril de 2017.

PEREIRA, Reginaldo Santos; CUNHA Myrtes Dias. A pesquisa na escola com crianças pequenas: desafios e possibilidades. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, ano V, n. 8, jan./jun. 2007. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4069/pdf_179> Acesso em: Abril de 2017.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. La représentation de l'espace chez l'enfant. 1948.

SILVA, João Alberto da; FREZZA, Júnior Saccon. **A construção das noções de espaço e tempo nas crianças da Educação Infantil**. 2010. Disponível em: <<https://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/181/172>> Acesso em: Abril de 2017.

SAYÃO, D. T. Corpo e Movimento: Notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.23, n.2, p.55-67, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/270>> Acesso em: Abril de 2017.

VYGOTSKY, L.S.A. formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes,1988. Acesso em: Abril de 2017.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: unidades de análise. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.